



TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA



Missão

Promover um ensino que permita o desenvolvimento do indivíduo de modo integral, visando sua autonomia intelectual e a autorrealização, formando profissionais críticos e reflexivos com visão generalista e multidisciplinar, conscientes de seu papel social.”



Valores

A confiança, sensibilidade, flexão, justiça, honestidade, autodesenvolvimento, respeito ao próximo e percepção, empatia, descentralização e nobreza de espírito.”



Visão de futuro

Ser uma Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida pela excelência nos serviços educacionais, meios para que a sua comunidade acadêmica realize, em sua plenitude, as legítimas aspirações da pessoa humana, atuando em perfeita sintonia com a sociedade apoiada em valores éticos inalienáveis, buscando sempre a racionalização de recursos e a otimização de resultados, comprometida com as transformações do seu tempo.

Princípios institucionais

- ✧ Ética, consciente de sua responsabilidade social e compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
- ✧ Atuante no resgate da cidadania, na formação do cidadão como ser ético e político, consciente de suas responsabilidades, de seus direitos e deveres;
- ✧ Aglutinadora, aberta a todo o saber, crítica, criativa e competente;
- ✧ Comprometida com resultados;
- ✧ Aberta a parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração;

Sobre a Autor:**Josimir Albino do Nascimento****FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Bacharel em Teologia com especialização em Línguas Bíblicas pela Faculdade de Teologia UNASP-EC (2011). Doutorado em Teologia Sistemática pela PUC-Rio (2019). Pós-Graduado em Produção Textual pela FAVENI (2023).

Tradutor de obras para a Casa Publicadora Brasileira (CPB) e para a UNASPRESS. Coordenador e professor de cursos de teologia para leigos e preparação de jovens missionários. Experiência em missiologia, soteriologia e eclesiologia, tendo em vista a atuação no ministério pastoral; escatologia, com foco nos livros de Daniel e Apocalipse; e em pneumatologia, através de estudos desse ramo que tem sido o centro da teologia em grande parte das denominações cristãs da atualidade desde o século dezenove. Atuação na área de responsabilidade social, com fundamentação na ética bíblica aplicada ao contexto contemporâneo.

APRESENTAÇÃO

Presado/a estudante,

A matéria Teologia Contemporânea, oferecida pelo curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA, é essencial na sua formação teológica, porque ela exige uma busca de dados no passado que nos esclareçam a respeito dos novos conceitos vigentes no ambiente da Teologia atual. Tendo em vista que vários segmentos da teologia contemporânea representam uma adaptação conceitual ao pensamento moderno, e, ao mesmo tempo, uma afronta à teologia cristã clássica, analisaremos as principais correntes ideológicas desde o Iluminismo até o presente.

Na Unidade 1 “DO ILUMINISMO À TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: A CONTRIBUIÇÃO DE LUTERO E CALVINO E AS IMPLICAÇÕES DAS IDEIAS DE IMMANUEL KANT E FRIEDRICH HEGEL”. A Reforma Protestante, devido ao seu impacto, não apenas na teologia, mas, também na economia e na política, abriu espaço para a livre expressão filosófica. De uma certa forma, a Reforma foi o grande estopim do Iluminismo, porém, tendo em vista o rico material produzido por racionalistas como Immanuel Kant e Friedrich Hegel, a teologia, até então, considerada a mãe de todas as ciências, cedeu espaço para a filosofia, que se tornou a norteadora do modo de pensar, até mesmo, dos herdeiros da Reforma.

Na Unidade 2 “ANÁLISE DAS IDEIAS DE LUDWIG FEUERBACH SOBRE O PENSAMENTO FILOSÓFICO E TEOLÓGICO CRISTÃO DA PÓS-REFORMA E A INFLUÊNCIA DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER, O ‘PAI DA TEOLOGIA MODERNA’”. Em destaque na unidade: A relevância de Feuerbach pelo fato de tentar transformar a teologia em antropologia, e por suas ideias terem sido amplamente aceitas, até mesmo, pelos pensadores protestantes; Schleiermacher, cujo impacto na teologia foi bastante sentido, inclusive por ter redefinido a religião como uma experiência absoluta de Deus, ainda que, devido ao seu liberalismo teológico, haja afirmado que o homem livre não deve permitir nenhum obstáculo em seu caminho, seja o mundo, o destino ou mesmo Deus.

Na Unidade 3 “AS CONTRIBUIÇÕES DE ALBRECHT RITSCHL AO LIBERALISMO TEOLÓGICO, A ATUAÇÃO DE ADOLF VON HARNACK COMO SEU PRINCIPAL EXPOSITOR E O PAPEL DE WALTER RAUSCHENBUSCH COMO FUNDADOR DO

EVANGELHO SOCIAL”. Nesta unidade vamos estudar Albrecht Ritschl, o norteador do liberalismo teológico, cujo principal pressuposto era o de que a religião surgiu como produto da luta pela existência; o seu seguidor mais destacado, Adolf von Harnack, que reduziu o cristianismo à ética de Jesus e foi um dos mais preeminentes representantes do liberalismo teológico e do método histórico-crítico aplicado aos escritos bíblicos; e Walter Rauschenbusch, outro seguidor de Ritschl, que utilizou os conceitos do liberalismo teológico no “Evangelho Social”, desenvolvido na América do Norte.

Na Unidade 4 “ANALIZAREMOS NESTA UNIDADE, KARL BARTH E A NEO-ORTODOXIA; O EVANGELICALISMO E A AUTORIDADE BÍBLICA; A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A TEOLOGIA FEMINISTA, DUAS IMPORTANTES TEOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS”. Nesta unidade, analisaremos o trabalho de Karl Barth pela sua reação contra o liberalismo teológico e o seu papel como o “pai da neo-ortodoxia”, uma tentativa de restaurar a teologia clássica, mas acabou realizando uma síntese entre a ortodoxia e a teologia liberal; o Evangelicalismo, devida à sua defesa da autoridade bíblica; e duas importantes correntes da Teologia Contemporânea, a Teologia da Libertação e a Teologia Feminista, ambas fruto do liberalismo teológico. No entanto, as pressuposições do liberalismo estão presentes em vários ramos do cristianismo atual, por isso, é mister o estudo da literatura sobre o tema, contudo, tendo como fonte principal de pesquisa, o mais seguro manancial sobre questões teológica, a Sagrada Escritura. Desejo-lhe sucesso nessa jornada!

Prof. Josimir Albino do Nascimento (ThD)

Sumário

UNIDADE 1 - DO ILUMINISMO À TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: A CONTRIBUIÇÃO DE LUTERO E CALVINO E AS IMPLICAÇÕES DAS IDEIAS DE IMMANUEL KANT	8
A relação do Iluminismo com o Protestantismo	9
Lutero (1483-1546)	9
Calvino (1509-1564)	11
Kant (1724-1804)	13
INDICAÇÃO DE VÍDEO:	16
LEITURA COMPLEMENTAR	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
HORA DE REVISAR	17
REFERÊNCIAS	18
UNIDADE 2 - ANÁLISE DAS IDEIAS DE FRIEDRICH HEGEL E LUDWIG FEUERBACH SOBRE O PENSAMENTO FILOSÓFICO E TEOLÓGICO CRISTÃO DA PÓS-REFORMA E A INFLUÊNCIA DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER, O 'PAI DA TEOLOGIA MODERNA'	20
A ligação de Hegel com Feuerbach e o pensamento deste sobre a natureza da religião	22
A crítica de Feuerbach à proposta subjetiva de Schleiermacher	22
O pensamento de Schleiermacher, o pai da teologia moderna	23
INDICAÇÃO DE VÍDEO:	24
LEITURA COMPLEMENTAR	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
HORA DE REVISAR	25
REFERÊNCIAS	27
UNIDADE 3 - ESTUDO DAS IDEIAS DE ALBRECHT RITSCHL, INFLUENTE NO LIBERALISMO TEOLÓGICO; DE ADOLF VON HARNACK, SEU SEGUIDOR E EXPOENTE DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO; E DE WALTER RAUSCHENBUSCH, TAMBÉM DISCÍPULO DE RITSCHL E CONHECIDO COMO O PAI DO "EVANGELHO SOCIAL"	28
As pressuposições de Ritschl e as razões por que defendia a religião como experiência ética e comunitária	29
As implicações do conceito de Harnack ao reduzir o Cristianismo à ética de Jesus.	31
O significado de "Evangelho Social" em Walter Rauschenbusch	33
INDICAÇÃO DE VÍDEO:	35

LEITURA COMPLEMENTAR.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
HORA DE REVISAR	36
REFERÊNCIAS.....	37
UNIDADE 4 - ANÁLISE DA OBRA DE KARL BARTH E SUA REAÇÃO AO LIBERALISMO TEOLÓGICO COMO “PAI DA NEO-ORTODOXIA”; DO EVANGELICALISMO E SUA DEFESA DA AUTORIDADE BÍBLICA; E DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E FEMINISTA, MODELOS PARA AS TEOLOGIAS CONTEXTUAIS.	38
LGBTQIA+	38
Noções Preliminares sobre a reação de Barth ao liberalismo teológico, o Evangelicalismo e as Teologias Contextuais	39
Karl Barth, o liberalismo teológico e a neo-ortodoxia	40
<i>A reação de Karl Barth ao liberalismo teológico</i>	41
O Evangelicalismo e a defesa da autoridade bíblica.....	43
A Teologia da Libertação e a Teologia Feminista.....	46
INDICAÇÃO DE VÍDEO:.....	53
LEITURA COMPLEMENTAR.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
HORA DE REVISAR	55
REFERÊNCIAS.....	55

UNIDADE 1 - DO ILUMINISMO À TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: A CONTRIBUIÇÃO DE LUTERO E CALVINO E AS IMPLICAÇÕES DAS IDEIAS DE IMMANUEL KANT

Objetivos:

- **Avaliar a relação do Iluminismo com o Protestantismo.**
- **Entender que Lutero e Calvino fomentaram o desenvolvimento da religião, sociedade, política, educação, governo e economia.**
- **Compreender por que as ideias de Kant influenciaram o surgimento do racionalismo religioso.**

Noções Preliminares Sobre a Teologia Contemporânea

Em nossos dias, há variadas formas de pensamento que influenciam a teologia, algumas, de forma direta, afetando a própria interpretação da Escritura. Stoll (p. 27) afirma que as filosofias que mais atingem o campo da teologia, procuram causas ou razões naturalistas para a existência da Bíblia. São raras aquelas que aceitam a Escritura Sagrada como uma Revelação especial de Deus. No entanto, essas filosofias mudam na mesma proporção das ideias humanas, que estão constantemente em mutação.

Peterson (2018), citando Ficher, explica que o termo *teologia contemporânea* é uma referência à principal vertente do pensamento cristão que foi influenciado pelo Iluminismo e por aqueles que seguiram o seu sistema de pensamento. Deve-se observar, no entanto, que foi o Protestantismo que propiciou o direito ao livre pensamento quando soltou as algemas do Catolicismo Medieval, responsável pela supressão da liberdade de expressão.

Por isso, a utilização do pensamento científico e racional grego para desafiar as ideias religiosas do período medieval, não foram para atacar o cristianismo propriamente dito, mas o “cristianismo” como praticado pelo catolicismo de então. Porém, como se pode observar durante a Revolução Francesa, toda cristandade se tornou alvo das novas tendências racionalistas.

É apropriado afirmar, portanto, que o Iluminismo, movimento intelectual que se consolidou no século XVII, esteve, de certa forma, relacionado aos avanços

proporcionados pela Reforma, e muitos dos pensadores racionalistas foram frutos dela, como, por exemplo, Immanuel Kant, de família pietista e criado segundo rígidos princípios morais (Faria, 2007, p. 115); Hegel, que estudou teologia e filosofia em Tübingen, e Feuerbach, aluno de Hegel em Berlim, foi filósofo e teólogo (Mackintosh, 2002, p. 132, 133). Não admira que a teologia sofresse tantos reveses, tendo em vista que os mais acérrimos defensores do racionalismo ou do liberalismo saíram das próprias fileiras do protestantismo. Isso explica a diversidade ideológica da teologia contemporânea.

A relação do Iluminismo com o Protestantismo

As raízes do Iluminismo remontam ao século XVII, portanto, logo após a eclosão do movimento da Reforma Protestante que abriu caminho para a valorização da razão individual e o direito de viver conforme os ditames da própria consciência, o que não era factível antes dela. Com isso, houve uma acentuada ênfase na leitura pessoal das Escrituras Sagradas sem a mediação da Igreja, o que acelerou ainda mais a autonomia do pensamento.

Valendo-se dessas conquistas da Reforma, o Iluminismo levou adiante o processo, porém, agora, no campo da filosofia, da ciência e da política. E, assim como Lutero e os demais reformadores criticaram o papel da religião tradicional, questionando a autoridade papal, os iluministas criticaram outras formas de autoridade, como o absolutismo político e a religiosidade dominante.

Houve uma expansão do acesso ao conhecimento com a tradução da Bíblia para as línguas vernáculas, além da popularização do livro depois da invenção da imprensa, outra ferramenta utilizada pelo Iluminismo. Ou seja, muito embora a Reforma tenha aberto o caminho para o pensamento autônomo, também pavimentou o terreno para o impulso libertino e racional do Iluminismo.

Lutero e Calvino propiciaram o desenvolvimento social, educacional e religioso com reflexos na economia, política e sistema de governo

Lutero (1483-1546)

A Reforma Protestante começou oficialmente em 31 de outubro de 1517, véspera do Dia de Todos os Santos, quando Martinho Lutero afixou as 95 teses sobre o tráfico das indulgências na porta da capela eleitoral do castelo de Wittenberg

(Brentano, 1968, p. 50).

Brentano (1968, p. 46) relata que entre as razões pelas quais Roma estava apelando para a venda de indulgências estava a necessidade do Papa Alexandre VI de ganhar “muito dinheiro para adornar com diamantes e pérolas sua querida filha, Lucrécia Bórgia, para que pudesse contrair casamentos principescos [...]”. Ele almejava um luxo exuberante para a filha enquanto atravessava em cortejo Roma e a Itália. E o papa, então vigente, Leão X, também estava em busca de muito dinheiro para a reforma e decoração da basílica de São Pedro.

Os governantes dos países europeus não estavam satisfeitos com os tributos pagos a Roma. Johannes Helmrath (2002, p. 110) explica que, em relação ao pagamento de tributos a Roma pela Alemanha, afirmava Enea S. Piccolomini em 1457 que os alemães tinham dinheiro e haviam alcançado um grande progresso devido à romanização mediante o cristianismo, ou seja, através do papa e da Igreja romana. Por isso, deveriam pagar, mesmo que fosse apenas por gratidão.

Mas a insatisfação com os pesados impostos não estava apenas nos governos, neste caso, no governo alemão, mas em seu povo, tendo em vista a exploração levada a efeito por um padre dominicano de nome Tetzel, encarregado pelo bispo de Mayence para conduzir o negócio da cobrança de indulgências e isso muito rapidamente. Os textos alemães, diz Brentano (1968, p. 48) o caracterizam como *ein Marktschreier* (um berrador de praça pública). Tetzel era censurado por resumir a sua missão em dois versos: *So bald das Geld im Kasten klingt, die Seele dem Fegfeuer springt* (Tão logo o dinheiro retine no cofre, a alma – em favor da qual nós o damos – salta fora do purgatório).

Portanto, nos dias de Lutero, tanto o governo quanto o povo estavam cansados da exploração de Roma, mas a maior preocupação do reformador não era propriamente política ou econômica, mas religiosa. Ele se compadecia do povo crédulo que se apoiava nas próprias obras para obter o favor divino, tendo em vista os ensinamentos da igreja dominante. Com isso, Deus era visto como um carrasco exator, cuja figura, ao invés de trazer conforto, imprimia pavor à alma angustiante dos crentes. Foi através da tradução e distribuição das Sagradas Escrituras, que o povo começou a se livrar das amarras que o prendia a Roma. Agora, as pessoas podiam verificar por si próprias o projeto de Deus para sua vida, ao invés de se

submeterem às interpretações tendenciosas do clero oficial.

Benefícios da Reforma de Lutero

De acordo com Boyer (2002, p. 25-27), quando exilado em Warterburg, o reformador teve a oportunidade de disseminar para o mundo o conhecimento bíblico, pois conhecia bem o hebraico e o grego, por isso, em três meses verteu todo o Novo Testamento para o alemão. Em questão de poucos meses o Novo Testamento impresso estava nas mãos do povo. Em 40 anos, cerca de 100 mil exemplares foram vendidos, além das 52 edições impressas em outras cidades, uma circulação imensa para aquele tempo, porém, Lutero declinou em receber os direitos autorais.

Além de escritor, Lutero também era músico e escreveu alguns hinos espirituais que são cantados atualmente. Na verdade, ele compilou o primeiro hinário e inaugurou o costume de todos os participantes do culto cantarem juntos. Lutero insistiu que não apenas o sexo masculino, mas também o sexo feminino, deveria ser instruído, tornando-se, assim, o pai das escolas públicas (Boyer, 2002, p. 28). Antes dele, os sermões dos cultos eram de pouca importância, mas Lutero fez com que o sermão se tornasse o ponto central da liturgia, o que acontece até hoje. Esse foi um grande legado que ele deixou.

Em Zwickau, Lutero pregou para um auditório de 25 mil pessoas em praça pública. Isso nos dá a dimensão do interesse do público alemão por reformas. Estima-se que a sua contribuição literária gira em torno de 180 volumes na língua materna e quase um número igual em latim. Apesar de padecer de várias doenças, sempre se esforçava, dizendo que, se morresse na sua cama, isso seria uma vergonha para o Papa (Boyer, 2002, p. 28).

Portanto, Lutero deu uma grande contribuição para o desenvolvimento social de sua época e lançou as raízes pelo desejo de liberdade nas gerações posteriores, particularmente por haver implantado no coração das pessoas o amor às Sagradas Escrituras e o anseio de buscar por si próprias o significado da verdadeira religiosidade.

Calvino (1509-1564)

Guimarães (2025) analisa com propriedade o Papel de Calvino na Reforma. A Lutero foi conferida a obra de iniciar a Reforma Protestante, e Calvino exerceu o papel de “sistematizador da teologia reformada, expondo-a numa estrutura doutrinária sólida e coesa. Através de sua obra magna, intitulada de ‘*As Institutas da Religião Cristã*’ (1536)”. A sua influência foi marcante em países como Suíça, Países Baixos, Escócia e partes da França.

Calvino viveu numa época de perseguição, mas construiu em Genebra um refúgio para os perseguidos, e além dos países citados acima, afirma Lessa (s.d, p. 223) “a influência de Calvino ultrapassou os limites de Genebra e atingiu a Inglaterra [...]. As relações do reformador com a Inglaterra tiveram início com a ascensão de Eduardo VI”, que deu apoio à Reforma e foi influenciado por Calvino, mas, além do jovem rei, o arcebispo Cranmer também manteve correspondência com o reformador, que sugeriu planos para a consolidação da Reforma na Inglaterra.

Durante o reinado de Maria, a sanguinária, vários protestantes foram buscar refúgio em Genebra, entre os quais, alguns galgaram posições elevadas no reinado seguinte. Entre esses se encontravam os tradutores da Bíblia de Genebra, versão que deve muito a Calvino e Beza. Essa versão se tornou a mais popular entre os ingleses até quando a versão de 1611 a substituiu (Lessa, s.d, p. 231).

Benefícios da Reforma de Calvino

No reinado de Elizabete, a influência da teologia de Calvino foi imensa. As *Institutas* se tornaram o texto clássico nas universidades inglesas, e a sua influência não foi menor na Escócia, pois, através de John Knox, a teologia calvinista foi amplamente aceita em todo. E na Holanda, a influência do calvinismo foi maior do que a do luteranismo (Lessa, s.d, p. 231).

Lessa (Lessa, s.d, p. 232) afirma que, mesmo na Alemanha “onde predominava o luteranismo, foi largo o influxo da teologia calvinista”. Quanto à influência moral do calvinismo, “ela não se limitou às igrejas reformadas nos países já citados. Fêz-se notar, igualmente, na Polônia, Hungria, Boêmia e Itália.”

Não se pode ignorar o papel do calvinismo no desenvolvimento cultural, econômico e político que surtiria um grande efeito na posteridade. Weber (2009, p. 83) afirma que ele representou o sistema religioso sob o qual ocorreram as grandes

disputas na área política e cultural nos séculos XVI e XVII “nos países mais desenvolvidos – Holanda, Inglaterra e França.” O autor afirma, fornecendo uma dimensão do alcance do calvinismo, ao afirmar: “historicamente, o calvinismo foi um dos agentes educacionais do espírito do capitalismo” (Lessa, s.d. p. 156).

Além disso, a burguesia, calvinista ou arminiana, que se achava em ascensão, fornecia os maiores empreendedores, representantes da ética capitalista (Weber, 2009, p. 156). Foi a diáspora calvinista que espalhou a semente do capitalismo (p. 44). Em outras palavras, o protestantismo dos reformadores, particularmente de Calvino, estava diretamente associado com o que hoje chamamos de progresso (ver p. 45).

Outro avanço proporcionado pelo calvinismo, segundo Kuyper (2014, p. 46) foi o exercício da atividade pública proceder do próprio povo, rompendo com o velho paradigma vigente desde os antigos impérios, como Babilônia, sob os faraós, a Grécia, Roma e o Islamismo, mas, particularmente, sob a Igreja Católica. Até mesmo nos países luteranos, o magistrado era o líder nos negócios públicos, porém “na Suíça, entre os huguenotes, na Bélgica, na Holanda, na Escócia e também na América” (p. 47), houve um amadurecimento tal que o povo passou a ter influência nas decisões públicas, fomentando, assim, o desenvolvimento humano nas áreas citadas.

As ideias de Kant e o surgimento do racionalismo religioso

Kant (1724-1804)

Immanuel Kant nasceu em Königsberg, ao leste da Prússia, em 1724 e é considerado o maior filósofo moderno. Ainda que nunca tenha deixado o seu local de nascimento, viajando para outros países, exerceu uma influência notável, pois, além de professor universitário popular, era muito procurado como anfitrião de jantares. Todos os dias, por ter hábitos regulares, Kant se dedicava a escrever, e ainda que tenha desenvolvido hábitos calmos, era muito admirado, por isso, milhares de pessoas seguiram o cortejo fúnebre quando ele morreu em 1804, e todos os sinos badalaram (James Rachels; Stuart Rachels, 2014, p. 72).

A repercussão das ideias de Kant

As suas concepções não ortodoxas sobre religião despertaram controvérsias, porém, ele não era ateu. Kant nasceu de uma família pietista que olhava com desconfiança para a religião organizada, o que pode ter motivado a sua visão sobre o tema. Na Alemanha, onde se tornou o filósofo mais famoso, foi proibido de publicar qualquer matéria que discorresse sobre a existência de Deus, tendo em vista a sua declaração de que a existência de deus não pode ser provada.

Um dos conceitos mais conhecidos de Kant discorre sobre o princípio último da moralidade, o “imperativo categórico”, que enuncia: “agir moralmente é agir por motivos com os quais todos, em qualquer lugar poderiam viver de acordo” (James Rachels; Stuart Rachels, 2014, p. 73). Exemplificando, uma pessoa que pensasse em suicídio como solução para os seus muitos problemas, não poderia pretender que a sua situação se tornasse uma lei universal, pois isso tornaria a vida insustentável. Outro exemplo seria: alguém em grande aperto financeiro pede emprestado, mesmo sabendo que não terá condições de devolver o valor no prazo estipulado ou não terá condições de devolver de forma alguma. Essa pessoa nunca poderia pretender que a sua solução se tornasse uma lei universal, por causa do descredito generalizado. “Ninguém acreditaria no que foi prometido, mas somente riria [...]” (James Rachels; Stuart Rachels, 2014, p. 74).

Esses dois exemplos do pensamento de Kant não entram em desacordo com a teologia clássica, e as ideias do filósofo são complexas e exigem reflexão, às vezes conduzindo os intérpretes a conclusões diferentes. Porém, o que realmente importa para as nossas considerações é a sua defesa de teorias que militam contra à doutrina da Revelação e que seriam defendidas, em maior ou menor grau, por aqueles que deveriam ser os maiores defensores da autoridade bíblica como a fonte de toda verdade. Esse posicionamento de Kant é percebido nas suas palavras, ao conceituar o Iluminismo:

O iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a sua causa não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. Sapere aude! Tem a coragem de te servires do

teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do iluminismo (KANT, 1995, p. A 481-482).

Com o físico Isaac Newton surgiu um novo paradigma científico que exigia a reavaliação de conceitos que descrevesse “a razão, o conhecimento e a ciência”. Esse novo espectro projeta esperança para a humanidade e realça a ideia de progresso. Faria (2007, p. 116, 117) afirma com propriedade que Kant acreditava na aptidão dos seres humanos para o desenvolvimento moral, a paz e a edificação de uma sociedade dirigida pela “luz” da razão. Porém, séculos depois de Kant, as evidências demonstram exatamente o contrário. A razão humana não foi capaz de evitar as duas grandes guerras mundiais, os conflitos recorrentes entre as nações e os povos civilizados.

Os seres humanos estão mais propensos à paz quando são movidos por uma força além e fora deles. No Iluminismo, a filosofia racionalista, bem como a ciência naturalista desafiaram a integridade das Escrituras (Timm, 2007, p. 4), possivelmente, porque estavam tão embevecidas pelos argumentos racionalistas que se esqueceram do poder transformador da Revelação.

Abordando acerca dos pais peregrinos e da fundação da nação norte-americana, os Estados Unidos, White (2009, p. 296) retrata o efeito da Revelação sobre as primeiras comunidades de colonos, vivendo na íntegra pela fé e conforme as orientações das Escrituras, em paz, harmonia e progresso, o que Kant propunha poder ser alcançado pela razão, isto é, que uma sociedade moralmente justa poderia ser orientada por princípios racionais, mas que já ficou demonstrado ser impossível. Ela argumenta que a Sagrada Escritura era a fonte de sabedoria, o fundamento da fé, e a carta magna da liberdade. As crianças aprendiam os seus princípios no lar paterno, na igreja e na escola. O resultado dessa atitude podia ser visto na inteligência e pureza dos seus praticantes, na economia e na temperança. Durante anos nas colônias puritanas não se viam pessoas embriagadas ou alguém proferindo imprecações, ou mesmo um mendigo pelas ruas. White continua a sua descrição, dizendo:

Estava demonstrado que os princípios da Bíblia constituem a mais segura salvaguarda da grandeza nacional. As fracas e isoladas colônias desenvolveram-se em confederações de poderosos Estados, e o mundo

notou com admiração a paz e a prosperidade de “uma igreja sem para e um Estado sem rei” (White, 2009, p. 296).

A despeito do insucesso humano em manter a paz baseado simplesmente na razão, ainda assim, mesmo no século XX, depois de duas guerras mundiais e dos diversos conflitos que mancham a paz mundial, há muitos que acreditam no pensamento kantiano, não apenas no mundo secularizado, mas no ambiente religioso, inclusive entre teólogos que mesclam a filosofia de Kant com conceitos teológicos. A sua influência foi sentida entre os seus contemporâneos e nas gerações subsequentes, despertando debates e fomentando novas teorias em torno de suas proposições.

INDICAÇÃO DE VÍDEO:

[Uma abordagem muito equilibrada da Reforma Protestante e como os cristãos deveriam se comportar no mundo de hoje, diante das mudanças operadas no mundo teológico. Assista o vídeo: **OS PILARES DA REFORMA PROTESTANTE - HERNANDES DIAS LOPES**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PrqZUu4oK5s>. Acesso em 22 abr. 2025.

LEITURA COMPLEMENTAR

Neste artigo, o autor pretende demonstrar como o pensamento secular invadiu a Igreja Cristã, transformando a sua teologia. O material também servirá como introdução às próximas UNIDADES. Note o desenvolvimento da sua argumentação, lendo o artigo em: file:///C:/Users/prjos/Downloads/10_Artigo_+ViaTeologica_V23N46_296-316.pdf. Me. Gonçalves, Cesar A. Mello. *O impacto do pensamento secular na promoção da teologia liberal na Igreja Cristã*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta UNIDADE tratamos das raízes da problemática que deu origem à teologia atual. Observamos que a relação entre o Iluminismo, a Reforma Protestante e a teologia contemporânea revela uma complexa interação entre fé, razão e sociedade. Lutero e Calvino foram peças fundamentais para a transformação religiosa, social, e política do Ocidente, promovendo a educação, o livre exame da Escritura e a

autonomia de pensamento, cujas repercussões extrapolaram o campo eclesiástico e alcançaram a economia e a cultura. Por outro lado, o Iluminismo, embora se beneficiasse das conquistas protestantes, abriu espaço para uma abordagem racionalista que, em muitos casos, distanciou-se da concepção bíblica clássica. As ideias de Kant, com sua crítica à religião revelada e sua ênfase na razão prática, e às de seus sucessores intelectuais, influenciaram decisivamente o surgimento do racionalismo religioso, impactando a teologia contemporânea. Assim, a tensão entre revelação e razão, fé e crítica, permanece como um desafio contínuo para o pensamento cristão moderno.

HORA DE REVISAR

A teologia contemporânea, até certo ponto moldada pelo Iluminismo, revela as transformações causadas pela liberdade de pensamento incentivada pela Reforma Protestante, mas abrindo mão de alguns dos seus pressupostos. Lutero e Calvino desafiaram o absolutismo papal, quando incentivaram a leitura pessoal da Bíblia, e impulsionaram a autonomia intelectual e religiosa que, mais tarde, seria apropriada pelos partidários do racionalismo iluminista. A Reforma não apenas mudou a vida religiosa, mas também influenciou a educação, a política e a economia, fomentando um espírito de liberdade e responsabilidade individual. Com a tradução das Escrituras para as línguas vernáculas, a popularização dos livros e a valorização da consciência pessoal, a sociedade foi conduzida a novos patamares de autonomia, embora isso também tenha aberto espaço para uma crítica mais abrangente a toda forma de autoridade, inclusive, religiosa, culminando em movimentos como a Revolução Francesa.

Nesse contexto de novas ideias, Immanuel Kant emergiu como um dos principais pensadores modernos, influenciado por sua formação pietista e pela filosofia racionalista. Kant questionou a possibilidade de provar a existência de Deus, enfatizando a moralidade universal através do “imperativo categórico”, sem, contudo, negar a importância da religião. Sua filosofia promoveu um deslocamento da autoridade religiosa para a razão humana, fortalecendo o racionalismo religioso que permeou a teologia contemporânea. Assim, mesmo surgindo de raízes protestantes,

muitos pensadores passaram a reinterpretar a fé cristã de modo mais filosófico e menos bíblico, enfraquecendo a noção de Revelação como fundamento da verdade e ampliando a diversidade de correntes teológicas no mundo moderno.

REFERÊNCIAS

BOYER, Orlando. **Heróis da fé**: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

BRENTANO, Funck. **Martin Lutero**. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda., 1968.

FARIA, Maria do Carmo B de. **Direito e ética**: Aristóteles, Hobbes, Kant. São Paulo: Paulus, 2007.

GUIMARÃES, “João Calvino e legado à ocidentalidade moderna”. **Calvino 21**. Disponível em https://www.calvino21.com.br/2024/08/calvino-e-legado-ocidentalidade-moderna.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 28 abr. 2025.

HELMRATH, Johannes; MUHLACK, Ulrich; WALTHER, Gerrit (org.). *Diffusion des Humanismus: Studien zur nationalen Geschichtsschreibung europäischer Humanisten*. Göttingen: Wallstein Verlag, 2002.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta o que é Iluminismo. In: KANT, Immanuel. **A Paz Perpétua e outros Opúsculos**. São Paulo: Edições 70, 1995.

KUYPER, Abraham. Calvinismo. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LESSA, Vicente T. **Calvino 1509-1564**: Sua vida e obra. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, s.d.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna**: de Schleiermacher a Bultmann. Barueri, SP: Editora Cristã Novo Século, 2004.

PETERSON, Kagema. **Challenges and Threats Posed by Contemporary Theologies in Modern Christianity**. Disponível em https://www.academia.edu/36391265/CHALLENGES_AND_THREATS_POSED_BY_CONTEMPORARY_THEOLOGIES_IN_MODERN_CHRISTIANITY. Acesso em 28 abr. 2025.

RACHELS, James; Rachels, Stuart. **A coisa certa a fazer**: leituras básicas sobre filosofia moral. Porto Alegre, RS: AMGH Editora, 2014.

STOLL, John H. Contemporary Theology and the Bible. **Theology on the Web.org.uk**. 27-32.

TIMM, A. R. Antecedentes históricos da interpretação bíblica adventista. In: REID, G. W. **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

WHITE, Ellen G. **O grande conflito**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

UNIDADE 2 - ANÁLISE DAS IDEIAS DE FRIEDRICH HEGEL E LUDWIG FEUERBACH SOBRE O PENSAMENTO FILOSÓFICO E TEOLÓGICO CRISTÃO DA PÓS-REFORMA E A INFLUÊNCIA DE FRIEDRICK SCHLEIERMACHER, O ‘PAI DA TEOLOGIA MODERNA’

Objetivos:

- Entender a ligação de Hegel com Feuerbach e o pensamento deste sobre a natureza da religião.
- Compreender a crítica de Feuerbach à proposta subjetiva de Schleiermacher.
- Compreender o pensamento de Schleiermacher, e porque foi considerado o pai da teologia moderna.

Noções Preliminares Sobre a Teologia Contemporânea

Nesta unidade vamos focalizar dois importantes professores da Universidade de Barlin que projetaram a sua influência nas gerações futuras, contudo, para isso, abordaremos sobre outros importantes atores cujas concepções fizeram a diferença no pensamento teológico e filosófico da contemporaneidade.

Schleiermacher (1768-1834) e Hegel (1770-1831) foram contemporâneos na Universidade de Berlim. Schleiermacher lecionou de 1810 até 1834, quando faleceu, e Hegel lecionou de 1818 até 1831, ano de sua morte. Ambos foram figuras importantes do mundo teológico-filosófico, influenciando figuras como Bruno Bauer, David Friedrich Strauss, Soren Kierkegaard, Albert Ritchl Wilhelm Dilthey, Ernest Troeltsch e Paul Tilich.

Podemos dizer que foram dois troncos dos quais surgiram duas correntes diferentes, a teologia liberal, a crítica da religião, o existencialismo cristão e a hermenêutica moderna. Ambos propuseram a reformulação do cristianismo à luz da modernidade. Schleiermacher propunha uma teologia fundada na experiência subjetiva da fé. Por outro lado, Hegel integrava a religião no sistema da razão absoluta. Ele nasceu em uma família luterana, e acreditava que o Espírito Absoluto

unia o homem e Deus, ou seja, enquanto o Deus se torna homem na religião, o homem se torna Deus na filosofia (Geisler, 2002, p. 379, 380).

Ao tentar integrar o cristianismo no sistema filosófico, Hegel estabeleceu a visão, segundo a qual a religião é uma etapa necessária, porém, superável da manifestação do Espírito Absoluto. Os desdobramentos desse pensamento gerou reações: alguns procuraram preservar a fé, mas a reformulando em moldes subjetivos, enquanto outros seguiram a linha da crítica radical e da secularização.

No entanto, Schleiermacher se esforçou para salvar a religião no contexto da crítica iluminista. Assim, enquanto Hegel encarava a religião como uma etapa da consciência absoluta a ser racionalizada na filosofia, Schleiermacher propunha uma religião espaldada na experiência interior, isto é, o “sentimento de dependência absoluta” que caracteriza o humano diante do infinito.

Hegel criticava a subjetividade pietista e emocional de Schleiermacher, afirmando que a verdade religiosa somente pode ser plenamente realizada quando elevada ao plano do conceito, isto é, quando a fé é traduzida em filosofia. Ele exerceu uma influência marcante sobre o ateísmo moderno. Alguns pensadores notáveis pertenceram à esquerda hegeliana, entre esses, Karl Marx, com o seu materialismo dialético, Friedrich Nietzsche, Thomas Altizer e os teólogos da “Morte de Deus”. Além disso, Hegel também exerceu influência sobre a crítica bíblica (Geisler, 2002, p. 379, 381).

Schleiermacher, por outro lado, desconfiava do racionalismo sistemático, afirmando que a religião está projetada em uma esfera autônoma da vida espiritual e, além disso, anterior ao pensamento discursivo. Contudo, o seu conceito de salvação não era ortodoxo, pois acreditava que a redenção era apenas uma impressão deixada por Jesus, e a sua concepção de milagre e providência era ambivalente. Além disso, enfatizava exageradamente a imanência de Deus, o que lhe custou a acusação de ser panteísta, realçava a experiência em detrimento da doutrina, afirmava que a verdade não se aplica à religião, reduziu a teologia a mera antropologia e aceitou a alta crítica negativa da Bíblia (Geisler, 2002, p. 806).

A ligação de Hegel com Feuerbach e o pensamento deste sobre a natureza da religião

Ludwig Feuerbach (1804-1872) compunha o que ficou conhecido como a esquerda hegeliana. De Hegel, ele adotou o método dialético, porém reagiu contra a metafísica idealista, invertendo a equação de Hegel: não é o homem que é a imagem de Deus, mas, Deus é a imagem do homem. Dessa forma, o divino é uma projeção das qualidades humanas absolutizadas: amor, justiça e sabedoria, que se tornam opressivas quando alienadas. A antropologia é o mistério da teologia (Minois, 2012, p. 610).

Feuerbach era de raízes protestantes e começou a estudar teologia em Heidelberg a partir de 1823 para se tornar pastor, mas em 1825 foi para Berlim com o desejo de estudar filosofia com Hegel. Descobriu que a sua inclinação era para a filosofia, não para a teologia. Passou a considerar a teologia uma vagueação e um delírio, enquanto via a filosofia como um mergulho na arte de pensar, não o crer da teologia (Minois, 2012, p. 610).

Feuerbach acreditava que Deus é uma projeção da imaginação humana, porque, segundo a razão, certos atributos, historicamente, foram ligados a Deus, por serem considerados divinos, mas que, na realidade, são apenas características humanas atribuídas a Deus. Por essa razão, considerava como ideal que os indivíduos aprendessem a atribuir mais a si mesmos e menos a Deus. Argumentava que enviamos a nossa bondade humana “para o andar de cima” e intitulamos este andar de Deus. Depois, ao nos sentir deprimidos, rogamos ao Deus que criamos que envie de volta a nossa bondade em forma de graça! (Geisler, 2002, p. 347).

A crítica de Feuerbach à proposta subjetiva de Schleiermacher

Feuerbach considerava o pensamento de Schleiermacher como um desvio da religião do seu conteúdo objetivo, porque para ele o sentimento de dependência absoluta, conforme propugnado por Schleiermacher, reduz a religião à interioridade subjetiva. A teologia de Schleiermacher era uma tentativa de salvar a religião dos ataques do racionalismo, com base nos sentimentos. Porém, para Feuerbach, ele estaria reforçando a sua alienação, tendo em vista que Deus continua a ser tratado

como distinto do ser humano.

Feuerbach (A Essência do Cristianismo, 1841) acreditava que a teologia idealista e sentimentalista de Schleiermacher era uma forma de fuga da realidade concreta, tornando difícil uma compreensão crítica da religião como fenômeno humano. Na sua ótica, conservam o *mistério* ao invés de torná-lo conhecido como projeção das qualidades humanas. Ele enxergava a Schleiermacher como um teólogo que, embora criticasse a ortodoxia cristã, mantinha ainda a sua “ilusão”, porém, numa roupagem nova.

Ele afirma que “o Deus encarnado é apenas o fenômeno do homem endeusado.” (Feuerbach, 2018, p. 93) e que “Deus pai é o Eu. Deus filho o Tu. Eu é razão, Tu és amor; só razão com amor e amor com razão é espírito, é o homem total.” (Feuerbach, 2018, p. 111). Essas proposições são diametralmente opostas às de Schleiermacher.

O pensamento de Schleiermacher, o pai da teologia moderna

Schleiermacher foi um admirador de Zinzendorf, do seu encontro emocional com o Salvador. Uma característica dos pietistas morávios era a sua religiosidade emocional e devocional. Schleiermacher, de tal maneira se deixou levar pelo espírito sentimentalista dos morávios, que chegou a afirmar: “um moravianismo com certas revisões era seu ideal na vida cristã”. Segundo ele, foi o que o levou à experiência de “verdadeiro amante do Senhor Jesus” (Mackintosh, p. 42).

Embora houvesse em sua natureza uma forte tendência sentimental (*Gefühl*), foi capaz “de unir de um modo excepcional a mais apaixonada religião com o rigor do pensamento científico (Mackintosh, p. 45, 46). Porém, “tirou a revelação autoritária e objetiva do centro da religião e a substituiu por *Gefühl*” cuja tradução é “consciência íntima profunda” (Olson, 2016, p. 582). O seu liberalismo na teologia e na política o mantiveram sob suspeita diante das autoridades governamentais, o que lhe custou a cátedra universitária, pois alegou que o homem livre não está sujeito a nada, nem mesmo a Deus. Em contraste com Lutero, cuja afirmação escriturística alega “que o cristão livre, ao mesmo tempo que é senhor de todos, é também servo de todos, por

amor de Cristo (Mackintosh, p. 47). Olson (2016, p. 584) lista os aspectos da teologia de Schleiermacher que vão de encontro à ortodoxia cristã:

- Declarou que a Bíblia não é a autoridade absoluta, mas o registro das experiências religiosas das comunidades cristãs primitivas. Ela apenas fornece um padrão para as tentativas contemporâneas de interpretar a relevância de Jesus Cristo; não é inspirada de maneira sobrenatural nem é infalível;
- Considerava o Antigo Testamento como irrelevante por carecer de dignidade normativa do Novo Testamento;
- Até o Novo Testamento pode estar errado em certos pormenores que conflitam com a experiência humana;
- Reconstruiu a doutrina de Deus, afirmando que os atributos que conferimos à divindade devem ser entendidos no sentido de denotar, não algo de especial em Deus, mas somente na maneira como o sentimento de absoluta dependência deve estar relacionado a Ele, ou seja, falar de Deus é sempre abordar sobre a experiência humana de Deus.
- Schleiermacher acreditava que a doutrina da Trindade não combinava muito bem com a experiência de termos consciência de Deus;
- O teólogo tenha problemas para aceitar os milagres.

Pelo fato de ter angariado adeptos que, dando vazão aos seus conceitos, exerceram grande influência no pensamento teológico e produziram novos discípulos na nova conjuntura religiosa, Schleiermacher acabou recebendo a alcunha de “pai da teologia moderna”, nada lisonjeiro, tendo em vista o caráter liberal da teologia contemporânea. Além da depreciação da doutrina em favor da experiência, o Cristianismo foi reduzido à fornecedor de padrões éticos a serem aplicados na comunidade e perdeu o seu caráter como transformador e modelador da vida humana. Os teólogos liberais abriram as portas para o ceticismo bíblico, reduzindo o aspecto metafísico e realçando o racionalismo teológico.

INDICAÇÃO DE VÍDEO:

O professor Leclair do *Curso Oficina da Palavra* explica o que Schleiermacher representou para os seus contemporâneos e o legado que deixou para o mundo teológico a partir de então. Assista o vídeo: **Aula 07 | Friedrich Schleiermacher** Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=LFRnK3FDpXo&ab_channel=OficinadaPalavra. Acesso em 8 mai. 2025.

LEITURA COMPLEMENTAR

Neste artigo, o autor apresenta aspectos da vida de Feuerbach, sua ligação com Hegel e o Idealismo alemão e com o materialismo histórico de Marx, a sua interpretação da teologia como antropologia, e demonstra como ele se tornou um divisor de águas tanto na teologia quanto na filosofia. O material é bem informativo, por isso, leia o artigo em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19229/15084>. Morais, J. E. Teixeira. *A teologia antropológica de Ludwig Feuerbach*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da UNIDADE deixou claro que as considerações sobre Schleiermacher, Hegel e Feuerbach evidenciam como suas contribuições moldaram a teologia moderna, cada um traçando caminhos distintos: Schleiermacher, ao centrar a fé na experiência subjetiva, abriu espaço para um cristianismo mais emocional e menos doutrinário; Hegel subordinou a religião à razão absoluta, tratando-a como etapa superável do espírito humano; e Feuerbach radicalizou essa crítica ao afirmar que Deus é apenas uma projeção das qualidades humanas. Suas ideias influenciaram diversas correntes teológicas e filosóficas posteriores, tanto liberais quanto críticas, levantando debates, mesmo entre os estudiosos da atualidade. Assim, entender o pensamento desses autores é essencial para compreender os rumos e os desafios da teologia contemporânea.

HORA DE REVISAR

Nesta unidade, exploramos o impacto das ideias de Friedrich Schleiermacher e Georg Wilhelm Friedrich Hegel na teologia e filosofia modernas. Destacamos os seus desdobramentos na crítica à religião por pensadores como Ludwig Feuerbach. Schleiermacher, influenciado pelo pietismo morávio, propôs uma teologia centrada na

experiência subjetiva da fé — o “sentimento de dependência absoluta” — como essência da religião. Em contraste, Hegel integrou a religião à razão absoluta, tratando-a como uma etapa superável na manifestação do Espírito. Ambos exerceram influência sobre as gerações futuras, moldando correntes como a teologia liberal, a crítica da religião e a hermenêutica contemporânea. Schleiermacher procurou preservar a religião diante do racionalismo iluminista, mas acabou atribuindo excessiva ênfase à imanência divina e à experiência pessoal, em detrimento da doutrina e da revelação objetiva. Hegel, por sua vez, criticava essa abordagem emocional, defendendo que a fé só alcança sua plenitude ao ser elevada ao nível do conceito filosófico. A influência hegeliana repercutiu não apenas na crítica bíblica e teológica, mas também em pensadores radicais como Marx e Nietzsche. Schleiermacher foi duramente criticado por seu liberalismo teológico, pela relativização da autoridade bíblica e pela tentativa de reinterpretar as doutrinas clássicas com base na experiência individual, o que levou a acusações de panteísmo e à percepção de que teria reduzido a teologia a uma antropologia religiosa.

Feuerbach, oriundo da esquerda hegeliana, adotou o método dialético de Hegel, mas rejeitou sua metafísica, invertendo radicalmente a equação teológica: para ele, Deus não criou o homem à sua imagem, mas o homem criou Deus como projeção idealizada de suas próprias qualidades — amor, justiça, sabedoria. Essa crítica antropológica à religião desdobrou-se numa rejeição da transcendência e na proposta de uma religiosidade imanente e humanista. Feuerbach considerava a teologia de Schleiermacher — centrada na subjetividade — como uma forma de alienação refinada: ainda que rejeitasse a ortodoxia tradicional, mantinha a ilusão religiosa sob nova roupagem. Em sua obra *A Essência do Cristianismo*, defendeu que a religião deveria ser compreendida não como revelação divina, mas como expressão da autoconsciência humana. Ao afirmar que “o Deus encarnado é apenas o fenômeno do homem endeusado”, Feuerbach se distanciou radicalmente de Schleiermacher, propondo a dissolução da teologia em antropologia. Assim, embora Schleiermacher tenha sido chamado de “pai da teologia moderna”, sua herança é marcada por ambivalência: de um lado, o esforço sincero por preservar a fé em meio à crítica racionalista; de outro, uma teologia liberal que relativizou a doutrina, esvaziou o

caráter sobrenatural do cristianismo e abriu espaço para o ceticismo religioso e a secularização da teologia.

REFERÊNCIAS

FEUERBACH, **A Essência do Cristianismo**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna**: de Schleiermacher a Bultmann. Barueri, SP: Editora Cristã Novo Século, 2004.

MINOIS, Georges. **História do Ateísmo**. São Paulo: UNESP, 2012.

OLSON, R. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001. (10. reimp. 2016).

UNIDADE 3 - ESTUDO DAS IDEIAS DE ALBRECHT RITSCHL, INFLUENTE NO LIBERALISMO TEOLÓGICO; DE ADOLF VON HARNACK, SEU SEGUIDOR E EXPOENTE DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO; E DE WALTER RAUSCHENBUSCH, TAMBÉM DISCÍPULO DE RITSCHL E CONHECIDO COMO O PAI DO “EVANGELHO SOCIAL”.

Objetivos:

- Entender as pressuposições de Ritschl e as razões por que defendia a religião como experiência ética e comunitária.
- Compreender as implicações do conceito de Harnack por ter reduzido o Cristianismo à ética de Jesus.
- Explorar o significado de “Evangelho Social” em Walter Rauschenbusch.

Noções Preliminares Sobre a Vida e Obra de Ritschl, Harnack e Rauschenbusch

Como observado na UNIDADE anterior, Schleiermacher deixou herdeiros, alguns dos quais não compartilhavam inteiramente das suas ideias, e Albrecht Ritschl (1822-1889) era um deles. Nasceu em um lar luterano e se tornou professor de teologia. Escreveu duas obras de expressão: “A Doutrina Cristã da Justificação e Reconciliação” e “História do Pietismo”, que ele antagonizava.

Adolf von Harnack (1851-1930) era filho de um professor de teologia, seguiu os passos de seu pai e se tornou professor de teologia em Leipzig em 1876 (Lane, 2000, p. 87). Seguindo os passos de Ritschl desenvolveu uma teologia que reduz o Cristianismo à ética de Jesus em detrimento de importantes aspectos metafísicos.

O pastor batista norte-americano, Walter Rauschenbusch (1861-1918) também tem suas raízes teológicas em Schleiermacher, porém, a teologia do evangelho social foi particularmente influenciada pelas ideias de Ritschl, devido à sua ênfase no Reino de Deus como realidade ética e social.

As pressuposições de Ritschl e as razões por que defendia a religião como experiência ética e comunitária

Embora tenha dado continuidade à tradição liberal iniciada por Schleiermacher, Ritschl seguiu o seu próprio caminho e conquistou adeptos de suas ideias, de tal forma, que a sua influência se tornou a mais abarcante dos liberais no século XIX (Lane, 2000, p. 85). As suas ideias não surgiram no vácuo, mas foram o resultado de um longo caminho percorrido pelos seus antecessores antes de se dedicar à teologia dogmática.

Ritschl era historiador e o seu propósito foi reinterpretar e estabelecer o método da Reforma, a fim de compreender o Evangelho, tendo em vista as múltiplas visões que se tornaram correntes pelo Romanismo, o Misticismo, o Pietismo e o Romanticismo. Ele almejava que a Reforma retornasse ao Novo Testamento (Mackintosh, 2004, p. 150).

Ritschl abominava o Pietismo, ao que rotulava de *bete noire* (bicho-papão). Ele tinha como objetivo, desfazer-se do subjetivismo e do misticismo. Enquanto Schleiermacher abraçava uma teologia, cujo ponto de partida eram os elementos que ocorrem na alma do crente, Ritschl se apoiava nos fatos históricos (Mackintosh, 2004, p. 155). Ele afirmava que: “O misticismo é essencialmente não histórico tanto em seu fundamento como em seu caráter, e, talvez, sem qualquer interesse quanto a moral” (Mackintosh, 2004, p. 156). No sentido em que emprega o termo “misticismo”, ele tem razão, pois afirma:

Nenhum escritor do Novo Testamento é um místico no sentido que tal palavra possui na história geral das religiões, como quando falamos de um “místico” indiano, persa ou grego, e isso pela simples razão de que nenhum escritor do Novo Testamento jamais emprega ou recomenda uma técnica mística, tão pouco se sente tentado a elevar-se por sobre a revelação histórica ou da distinção entre o bem e o mal (Mackintosh, 2004, p. 158).

Por outro lado, afirmava que o misticismo surgiu como produto da luta pela existência (Mackintosh 2004, p. 162). Como ele mesmo afirma, de modo claro, que parece até ser injusto com suas próprias e profundas convicções, “a religião é o instrumento que o homem possui para se ver livre das condições naturais da vida”.

Porém, ao combater o Pietismo e defender a ideia de que a religião é produto

da luta pela existência, ele acabou realçando o racionalismo, ainda que almejasse o retorno da Reforma ao Novo Testamento. Para ele, a religião deve ser desenvolvida como experiência ética na comunidade.

Influenciado por Kant, o seu conceito de justificação e reconciliação tem conotação diferente da teologia clássica. Apesar de usar esses termos bem consolidados da teologia clássica, em seu livro, *A Doutrina da Justificação e Reconciliação*, ele os reveste de um caráter moral e os aplica à ética. Seguindo o pensamento kantiano, ele separou o conhecimento científico do religioso, defendendo a proposição de que a fé desperta o sentimento de dever, o que está ausente no conhecimento científico. Afirma Mackintosh (2004) que nenhuma literatura dogmática impressionou tanto o pensamento do povo alemão quanto o seu tratado dogmático.

Ritschl via a salvação como algo que deve ser experimentado em comunidade: “Ninguém pode alcançar e manter convicção individual de fé isolado da já existente comunidade” (Lane, 2000, p. 86). Negou a doutrina do pecado original, alegando a possibilidade de uma vida sem pecado, e que Deus não se ira contra ele. Que a reconciliação em Cristo é a mudança na atitude do ser humano para com Deus e não de Deus para com o ser humano (Lane, 2000, p. 87).

A cristologia de Ritschl é inteiramente antagônica à teologia clássica. Assim como Schleiermacher, rejeitava a teologia clássica de Calcedônia, das duas naturezas de Cristo. Para ele, Jesus apenas cumpriu a sua vocação de Deus, mas Ele não preexistiu no Céu antes da vida humana na Terra, porém, apenas na mente de Deus (Olson, 2016, p. 588).

Com isso, deixou uma janela aberta para Harnack traçar o rumo da corrupção ocorrida na era patrística, segundo a qual os Pais Apostólicos corromperam o Cristianismo ao introduzir nele a filosofia grega. O Deus bíblico se tornou o absoluto dos filósofos, e o Jesus dos Evangelhos, no Logos eterno do platonismo grego (Lane, 2000, p. 86).

Deve-se admitir que os Pais da Igreja cometeram erros doutrinários, porém, não erraram em tudo e, até certo ponto, protegeram a pureza doutrinária contra a entrada de doutrinas destruidoras no círculo cristão. Eles só erraram quando deixaram de consular as Sagradas Escrituras e apelaram à especulação. Nós também podemos incorrer em erros doutrinários se deixarmos de ouvir a voz da inspiração para dar

atenção a conceitos que não possam ser defendidos pela Escritura.

As implicações do conceito de Harnack ao reduzir o Cristianismo à ética de Jesus.

Em 1888, quando já gozava de prestígio e fama como professor, autor, crítico e como organizador de projetos científicos, foi convidado para lecionar na Universidade de Berlim. No entanto, esse chamado foi contestado pelo Conselho Supremo da Igreja Evangélica, tendo em vista alguns posicionamentos não ortodoxos de Harnack.

Porém, a faculdade e o ministério da Educação desejavam muito a sua nomeação, por isso, com a recomendação dessas entidades, do chanceler Bismarck e do seu gabinete, o Imperador Guilherme II anulou a decisão da Igreja e assinou o documento de nomeação de Harnack em 17 de setembro de 1888 (Pauck, 1968, p. 4-5). Harnack havia se tornado especialista em história da igreja primitiva, e a contestação da Igreja girou em torno de suas afirmações na obra, *História do Dogma*, no terceiro volume:

1. Ele duvidava da visão tradicional quanto a autoria do quarto Evangelho, da carta aos efésios, e da primeira epístola de Pedro;
2. Criticava os milagres e, especificamente, não aceitava a interpretação convencional do nascimento virginal de Cristo, a Sua ressurreição e ascensão;
3. Negava a instituição do rito do batismo por Jesus (Pauck, 1968, p. 5).

Pauck afirma que nenhuma contestação foi feita a nível de erudição histórica para refutar as ideias de Harnack, mas apenas a apresentação da incompatibilidade de suas concepções com a autoridade doutrinal da Igreja, o que lhe custou conflitos com a Igreja, que lhe negou qualquer reconhecimento oficial, inclusive, o direito de examinar os seus próprios alunos (Pauck, 1968, p. 5).

Assim como Ritschl, ele acreditava que a filosofia grega havia desfigurado o Evangelho. Dizia que a religião simples de Jesus foi transformada por Paulo, especificamente, na religião sobre Jesus, que, por sua vez, tornou-se no “dogma da encarnação do Filho de Deus” (Lane, 2000, p. 88). Esse foi um erro fatal, porque, embora a filosofia grega tenha afetado, de uma certa forma, as concepções de alguns

escritores da patrística, isso não ocorreu com os escritores do Novo Testamento, que se utilizaram de jargões e conceitos gregos popularizados na época, para ilustrar verdades transcendentais. Assim, o Logos de João, não é o demiurgo grego, pois, ele não cria nada, mas apenas organiza a matéria pré-existente e não é um Deus pessoal, mas uma força racional transcendente. Portanto, bem diferente do Logos de João.

A crítica do Novo Testamento por Harnack seria seguida por eruditos como Rudolf Bultmann. Harnack ensinava que, ao estudar o Evangelho, o exegeta deve distinguir entre o cerne [o que está no interior] e o invólucro [a casca, o que está no exterior] (Lane, 2000, p. 88). Esse método do criticismo histórico foi aplicado à pessoa de Jesus, e se tornou um precursor de teologias como a de Bultmann que propunha a Demitologização da Escritura para aplicá-la ao kerygma (pregação).

Bultmann ensinava que os elementos sobrenaturais como anjos, demônios, ressurreição física, céu e inferno etc., não devem ser tomados literalmente, mas como símbolos existenciais que expressam verdades sobre a condição humana. E o querigma, ou a pregação, deve ser interpretado para categorias compreensíveis ao ser humano moderno.

Linnemann (2009, p. 17), brilhante aluna de Bultmann, “arrolada na Sociedade para Estudos do Novo Testamento”, abandonou as interpretações de caráter monopólico da teologia histórico-crítica. “Em vez de ser baseada na Palavra de Deus, ela se funda em filosofias que ousaram definir a verdade, de maneira que a Palavra de Deus foi excluída como fonte de tal verdade [...] A genuína liberdade de pensamento só existe onde houver verdade, e a verdade está presente apenas em conexão com aquele que é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14:6)” (Linnemann, 2009, p. 17, 28).

Lane (2000, p. 90) afirma que Harnack foi o último dos grandes liberais do século XX, tendo em vista que depois da Primeira Guerra Mundial, o seu ex-aluno Karl Barth, juntamente com outros reacionários, lançaram o movimento que ficou conhecido como Neo-ortodoxia, numa tentativa de retorno à ortodoxia. No entanto, diz Nicodemus (2008, p. 112), “enquanto para a ortodoxia a Bíblia é infalível, a neo-ortodoxia mantém a posição crítica do liberalismo, de que a Bíblia está cheia de erros e contradições”.

Olson (2016, p. 591), demonstra que a influência de Harnack atravessou o

oceano e chegou à América do Norte, onde colaborou para o desenvolvimento de uma nova teologia, baseada no pensamento liberal, o Evangelho Social, cujo proponente principal foi o teólogo batista Walter Rauschenbusch.

O significado de “Evangelho Social” em Walter Rauschenbusch

De acordo com Magnuson (2009, vol. 2, p. 112-113), o “Evangelho Social” foi um movimento protestante teologicamente liberal e moderadamente reformista que surgiu em torno do ano de 1900 como um esforço para aplicar princípios bíblicos a fim de minorar problemas urbano-industriais nos Estados Unidos e que emergiu durante o período da Guerra Civil e a Primeira Guerra Mundial.

Muitos clérigos protestantes se envolveram, porém, um dos primeiros, foi Washington Gladden, ministro congregacional considerado o pai do Evangelho Social. As suas preleções sobre questões trabalhistas foram registradas em publicações de 1876 como *Working People and Their Employers*. Esse foi um dos primeiros escritos concernente ao Evangelho Social (Magnuson, 2009, vol. 2, p. 114).

No entanto, o ápice do movimento do Evangelho Social aconteceu depois de 1900, tendo em vista o apoio de importantes personalidades e de instituições religiosas. Com a publicação do livro, *Christianity and Social Crisis* em 1907, seguido por *The Social Principles of Jesus*, alguns anos depois, em 1916 e *A Theology of the Social Gospel*, em 1917, Walter Rauschenbusch adquiriu fama nacional.

Em 1886 Rauschenbusch se tornou pastor da Segunda Igreja Batista Alemã da Cidade de Nova York, que era composta particularmente por imigrantes. A condição de vida dos imigrantes fomentada pela exploração dos trabalhadores pelos gigantes industriais e a indiferença do governo em relação ao sofrimento dos pobres, o levou a estudar a Bíblia com uma perspectiva diferente e a ouvir opiniões de críticos e sociólogos como Henry George e o urbanista Jacob Riis (Noll, vol. 3, 2009, p. 230).

Ele se declarava socialista cristão, mas repudiava as fórmulas marxistas para a reconstrução da vida econômica norte-americana. Entre as proposições de Rauschenbusch, as mais antagônicas à ortodoxia cristã eram a sua descrença na expiação vicária e no retorno literal de Jesus. Ele acreditava num conceito utópico de

potencial humano e aceitava as conclusões da Alta Crítica sobre a Bíblia, mas, paradoxalmente, mantinha-se leal aos ideais do Antigo Testamento de justiça, acreditava no poder de Cristo para a transformação da sociedade e de que o mal não é uma fantasia passageira (Noll, vol. 3, 2009, p. 231).

Ainda que tomasse cuidado para não atacar as doutrinas protestantes fundamentais, Rauschenbusch reorientou a teologia das realidades sobrenaturais para a ética social. As categorias principais de sua teologia eram *o reino do mal* e o *Reino de Deus*, além da *salvação de seres superpessoais*, ou seja, as grandes estruturas da vida social, que são autônomas e maiores do que os indivíduos que vivem dentro delas, como as sociedades anônimas, por exemplo. Cristo não veio apenas para salvar indivíduos, mas, principalmente, os seres superpessoais (Olson, 2016, p. 591).

Segundo Olson (Olson, 2016, p. 591), Rauschenbusch e Washington Gladden, juntamente com outros, desenvolveram e promoveram o Evangelho Social fundamentados, em grande parte, pela teologia de Ritschl. Harnack com a mensagem do “Evangelho Simples” sobre o reino de Deus na História, também exerceu influência sobre eles.

Porém, com a morte de Washington Gladden e de Rauschenbusch em 1918, quando também terminou a Primeira Grande Guerra Mundial, ocorreu uma grande mudança (Magnuson, 2009, vol. 2, p. 114) com o arrefecimento do otimismo anterior. Hoje, as Igrejas continuam preocupadas com ações sociais, porém, sem o interesse manifestado no passado por questões utópicas e industriais (Magnuson, 2009, vol. 2, p. 114-115). Olson (2016, p. 591) afirma que:

As teologias de Harnack e Rauschenbusch são exemplos da “moralização do dogma” kantiano da teologia liberal. Os grandes temas da doutrina que levaram centenas de anos para se desenvolver são abafados. O cristianismo é praticamente reduzido a algumas declarações religiosas simples e a um programa político e econômico socialista.

Em relação a muitos teólogos liberais poderíamos aplicar as palavras de Minois (2012, p. 434) dirigidas aos iluministas. Um dos problemas centrais daquele século

foi que “fez de tudo para destruir a ideia de Deus, mas hesita em entrar na nova era do ateísmo”. Porém, a despeito dos ataques que a ortodoxia cristã vem sofrendo ao longo dos anos e das crescentes ideias discordantes dentro da teologia, é a verdade das Escrituras que prevalece. Se isso não ocorrer de maneira institucional em algum momento da história, sempre ocorre no coração do verdadeiro crente!

INDICAÇÃO DE VÍDEO:

Neste episódio, o professor Glauco Machado faz uma abordagem sobre a **Influências do Liberalismo na Teologia Contemporânea**, destacando Albert Ritschl, Adolf Harnack e Walter Rauschenbusch. Assista o vídeo: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yke7oROoBHq&t=5s>. Acesso em 26 jun. 2025.

LEITURA COMPLEMENTAR

Neste artigo, leia as páginas de 129 a 132 para uma breve abordagem sobre Albert Ritschl e Walter Rauschenbusch, porém, esteja à vontade para continuar a leitura, caso deseje ampliar os seus conhecimentos, entrando em contato com outros autores como Paul Tillich, que não foram citados em nossa abordagem, mas que são relevantes:

[file:///C:/Users/prjos/Downloads/05_Evandro_Politizacao_VT_V20N392%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/prjos/Downloads/05_Evandro_Politizacao_VT_V20N392%20(1).pdf).

Rojahn, Evandro R. *A Politização do Reino de Deus*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos nesta UNIDADE, as ideias de Ritschl, Harnack e Rauschenbusch representam marcos significativos na teologia liberal dos séculos XIX e XX, ao proporem uma compreensão ética e histórica da fé cristã diferentes da teologia clássica. Ritschl defendeu que a religião é uma experiência comunitária voltada para o bem moral, combatendo o misticismo – especialmente de Schleiermacher - e propondo uma fé baseada nos fatos históricos e no retorno ao

Novo Testamento, ainda que reinterpretasse doutrinas clássicas, como a justificação e a reconciliação, dando a elas uma abordagem não metafísica e em moldes éticos e kantianos.

O seu discípulo, Harnack, radicalizou o movimento ao reduzir o Cristianismo à ética de Jesus, negando aspectos fundamentais da fé ortodoxa, como os milagres, a encarnação e a ressurreição, e acusando os Pais da Igreja de corromperem o Evangelho quando nele incorporarem conceitos da filosofia grega.

Rauschenbusch, também influenciado por Ritschl, transferiu a ênfase da salvação individual para a transformação social, formulando o chamado “Evangelho Social”, que visava enfrentar os males estruturais da sociedade industrial através de uma ética cristã voltada à justiça e ao bem comum, mesmo rejeitando doutrinas centrais como a expiação vicária. Apesar de suas contribuições sociais, esse movimento liberal foi duramente criticado por relativizar a revelação bíblica e comprometer doutrinas fundamentais, resultando posteriormente em reações como a neo-ortodoxia de Karl Barth, que buscou reequilibrar a ênfase social com a centralidade da Palavra de Deus.

HORA DE REVISAR

A UNIDADE abordou sobre o pensamento de três figuras centrais para o desenvolvimento do liberalismo teológico: Albrecht Ritschl, Adolf von Harnack e Walter Rauschenbusch. Ritschl propôs uma religião centrada na experiência ética e comunitária, influenciado por Kant e contrário ao pietismo e ao misticismo, que considerava não históricos e moralmente irrelevantes. Redefiniu conceitos como justificação e reconciliação em termos morais e rejeitou elementos centrais da teologia clássica, como a preexistência de Cristo. Sua proposta de salvação comunitária e de um cristianismo despojado de elementos metafísicos abriu caminho para Harnack, que reduziu a fé cristã à ética ensinada por Jesus, desconsiderando as doutrinas e os aspectos sobrenaturais. Harnack negou diversos elementos essenciais do cristianismo tradicional, como a autoria de partes do Novo Testamento, os milagres e o nascimento virginal, e influenciou correntes posteriores, como a teologia da desmitologização de Bultmann.

Walter Rauschenbusch, também influenciado por Ritschl e adepto de parte das ideias liberais de Harnack, foi o maior representante do movimento do Evangelho Social, que procurava aplicar os princípios cristãos às estruturas sociais injustas do seu tempo. Pastor entre imigrantes pobres em Nova York, Rauschenbusch passou a interpretar o Evangelho à luz das necessidades sociais e da justiça coletiva, rejeitando doutrinas como a expiação vicária e o retorno literal de Cristo. Apesar de discordar do marxismo, adotou uma perspectiva socialista cristã, promovendo a ideia de que Cristo veio, não apenas para salvar indivíduos, mas também para transformar as estruturas sociais corrompidas, que chamou de “seres superpessoais”. A teologia do Evangelho Social, assim como o liberalismo teológico em geral, buscou reinterpretar o cristianismo à luz da razão, da crítica histórica e das demandas sociais modernas, muitas vezes em detrimento das doutrinas fundamentais da fé cristã.

REFERÊNCIAS

LANE, Tony. “Da Reforma à Modernidade”, vol. 2. **Pensamento Cristão**. São Paulo, Abba Press, 2000.

LINNEMANN, Eta. **Crítica histórica da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna: de Schleiermacher a Bultmann**. Barueri, SP: Editora Cristã Novo Século, 2004.

MAGNUSON, N. A. “Evangelho Social”, pp. 112-115. ELWELL, Walter A, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 3 volumes. São Pulo: Vida, 2009.

MINOIS, Georges. **História do Ateísmo**. São Paulo: UNESP, 2012.

NICODEMUS, Augusto. **O que estão fazendo com a igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

NOLL, M. A. “Walter Rauschenbusch”, pp. 230-231. ELWELL, Walter A, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 3 volumes. São Pulo: Vida, 2009.

OLSON, R. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001. (10. reimp. 2016).

PAUCK, Wilhelm. **Harnack and Troeltsch: Two Historical Theologians**. UK: Oxford University Press, 1968.

UNIDADE 4 - ANÁLISE DA OBRA DE KARL BARTH E SUA REAÇÃO AO LIBERALISMO TEOLÓGICO COMO “PAI DA NEO-ORTODOXIA”; DO EVANGELICALISMO E SUA DEFESA DA AUTORIDADE BÍBLICA; E DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E FEMINISTA, MODELOS PARA AS TEOLOGIAS CONTEXTUAIS.

Objetivos:

- Compreender por que Barth reagiu contra o liberalismo teológico.
- Entender que o Evangelicalismo surgiu como defesa da autoridade bíblica.
- Explorar as motivações da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista.

Glossário:

Feminicentrismo

Substantivo masculino, cuja concepção é a atitude ou sistema de pensamento que coloca a experiência, perspectiva ou interesses das mulheres no centro das análises sociais, culturais ou políticas, muitas vezes como forma de contrabalançar estruturas historicamente androcêntricas (centradas nos homens) e com um forte viés marxista e antibíblico.

Interseccionalidade

É um conceito que descreve como diferentes formas de discriminação ou opressão (como racismo, sexismo, homofobia, classismo, etc.) se combinam, interagem e se sobrepõem, criando experiências únicas de marginalização para certos grupos de pessoas.

LGBTQIA+

A sigla LGBTQIA+ representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. Cada letra tem um significado específico:

A sigla LGBTQIA+ representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. Cada letra tem um significado específico:

L – Lésbicas: mulheres que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres.

G – Gays: homens que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros homens.

B – Bissexuais: pessoas que sentem atração por mais de um gênero (geralmente homens e mulheres).

T – Transgêneros: pessoas cuja identidade de gênero é diferente do sexo que lhes foi atribuído ao nascer.

Q – Queer: termo guarda-chuva para quem não se encaixa nas normas tradicionais de gênero e sexualidade.

I – Intersexuais: pessoas que nascem com características biológicas sexuais que não se enquadram nas definições típicas de masculino ou feminino.

A – Assexuais (ou às vezes também Aromânticos ou Aliados, dependendo do contexto): pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração sexual.

O “+” representa outras identidades e orientações que não estão incluídas nas letras anteriores, como pansexuais, não-binários, agêneros, entre outras.

Noções Preliminares sobre a reação de Barth ao liberalismo teológico, o Evangelicalismo e as Teologias Contextuais

Nas unidades anteriores observamos que o liberalismo teológico predominava na Europa no início do século XX e a sua influência foi marcante. Karl Barth se destacou como uma voz reacionária ao movimento. O liberalismo teológico havia reduzido a fé cristã a princípios morais e culturais, submetendo a revelação bíblica à razão humana e ao progresso histórico.

Na obra “Comentário à Epístola aos Romanos”, Barth denunciou a abordagem liberal como incapaz de enfrentar as crises espirituais e éticas do mundo moderno, especialmente diante dos horrores da Primeira Guerra Mundial. Ele resgatou a centralidade da revelação divina como algo totalmente distinto da experiência

humana, enfatizando a soberania de Deus e a transcendência da Sua Palavra. Porém, Barth cometeu o erro de tentar sintetizar a ortodoxia com o liberalismo teológico.

O Evangelicalismo surgiu como uma resposta às influências modernistas, secularizantes e de tendência à crítica bíblica, e que procurou reafirmar a autoridade das Escrituras. O movimento se posicionou tanto contra o liberalismo teológico quanto contra a neo-ortodoxia de Karl Barth.

Os evangélicos enfatizaram a inspiração e inerrância da Bíblia, a necessidade da conversão pessoal e o compromisso com a evangelização, temas antipáticos ao liberalismo teológico, cuja preocupação era a ação ética e corporativa. Essa ênfase ao social chamou a atenção para o estado do oprimido, do pobre e do vulnerável.

Por isso, em contextos de opressão e desigualdade social, surgiram novas vozes teológicas como a Teologia da Libertação e a Teologia Feminista, questionando as leituras tradicionais da Bíblia para dar uma abordagem marxista à situação dos pobres e das mulheres.

A Teologia da Libertação, nascida na América Latina, criticou as estruturas injustas e opressoras dos marginalizados, propondo um cristianismo comprometido com a justiça social, porém, sem realçar a conversão pessoal. Já a Teologia Feminista criticou a predominância masculina nas interpretações teológicas e buscou reconstruir uma teologia a partir da experiência e da dignidade das mulheres, porém, da mesma forma, negligenciando o aspecto metafísico das Escrituras, incluindo o efeito social que a conversão cristã pode desencadear na sociedade.

Tendo em vista o aspecto puramente ético, social, político e econômico, esses movimentos tentam mostrar que a teologia é, também, uma resposta viva aos desafios históricos e sociais de cada época. Ainda que haja verdade nessa afirmação, também é verdade que a proposta bíblica é a transformação realizada de dentro para fora e não fora para dentro. Não apenas uma modificação do comportamento humano, mas a sua total e radical transformação.

Karl Barth, o liberalismo teológico e a neo-ortodoxia

Karl Barth

Olson (2016, p. 619-620) apresenta alguns dados biográficos sobre Barth que nos ajudam na compreensão de suas raízes teológicas. Karl Barth nasceu em 1886, na Basileia, Suíça. Seu pai era professor de teologia reformada e se transferiu para a Universidade de Berna quando Barth ainda era criança. Crescendo na capital suíça, Barth decidiu se tornar teólogo aos 16 anos, durante sua profissão de fé. Estudou teologia com preeminentes pensadores protestantes liberais europeus, como Adolf Harnack, e atuou como pastor da Igreja Reformada em Genebra e depois em Safenwil, na fronteira com a Alemanha.

Durante sua experiência pastoral, Barth percebeu que a teologia liberal em que fora formado não conseguia oferecer uma pregação relevante para a vida cotidiana dos membros de sua comunidade. Sua decepção aumentou quando seus antigos mestres, como Harnack, apoiaram a política de guerra do imperador alemão em 1914. Em busca de uma renovação teológica, Barth fixou a sua atenção na epístola aos Romanos, de Paulo, e publicou em 1919 seu comentário: *Der Römerbrief* (Carta aos Romanos).

Nessa obra, ele lançou os fundamentos da teologia dialética, também conhecida como “teologia da palavra de Deus”, baseando-se na ideia de que o conteúdo da Bíblia não são os pensamentos humanos sobre Deus, mas os pensamentos divinos sobre os homens — como expressa no ensaio *O Estranho Mundo Novo da Bíblia*.

A reação de Karl Barth ao liberalismo teológico

A teologia de Karl Barth foi uma reação ao liberalismo teológico, a dialética existencialista que priorizava o humano em detrimento do divino. Com a sua teologia, conhecida como “Teologia da Crise” e o grupo que surgiu em seu entorno “a Escola Suíça” ou “Teologia da Dialética” (Mackintosh, 2004, p. 281 e 282), ele tentou reparar o erro de dar à Palavra um lugar secundário. Ele estabeleceu a “Teologia da palavra de Deus” (Mackintosh, 2004, p. 285) na qual nenhum lugar é adequado para se buscar a Deus, além de sua própria Palavra. A teologia modernista calou a voz de Deus para ouvir a palavra do homem (Mackintosh, p. 285).

Barth sacudiu a comunidade cristã com a sua voz de protesto, particularmente porque para os intérpretes liberais, a plena realização da Reforma, somente se

concretizou com o advento do Iluminismo no século XVIII, quando ocorreu o abandono da doutrina da natureza pecaminosa do ser humano, e passou-se a afirmar a capacidade do indivíduo de, por meio da razão e da autonomia moral, trilhar seu próprio caminho em direção a Deus — o Criador — através da racionalidade humana (Mackintosh, p. 2004 p. 286).

A dialética liberal afetou tanto a católicos quanto a protestantes. Os romanistas se referiam à Palavra como “letra morta, constrangida pela tradição da igreja”, e os protestantes liberais se inclinaram a expressar o pensamento do homem sobre Deus e não os pensamentos de Deus sobre o homem (Mackintosh, 2004 p. 286).

Mackintosh (2004 p. 286), justificando a teologia bartiana, afirma que Barth possuía um único objetivo, “demonstrar claramente que não se pode oferecer nenhuma regra de juízo que sirva de substituto à Palavra de Deus como Norma Suprema de fé e conduta”.

O retorno de Barth à Palavra significou uma reação à teologia de Schleiermacher que “via a cultura humana como algo santo e não pecaminoso”, levando à concepção de que a revelação de Deus em Cristo é apenas um caminho mais excelente em relação ao outros, mas não o único e verdadeiro caminho (Mackintosh, 2004, p. 287).

O problema da neo-ortodoxia

Olson (2016, p. 612) retrata como a neo-ortodoxia encara a Bíblia. Ela é um instrumento da Palavra de Deus e se torna a Sua palavra sempre que Deus decide usá-la, a fim de conduzir os seres humanos ao encontro salvífico consigo. “Mas ela não é um conjunto de proposições divinamente reveladas.” Olson (2016, p. 613) nos informa que “por sustentar a distinção real entre a ‘Palavra de Deus’ e as palavras da Bíblia, a neo-ortodoxia foi acusada de ser um Cavalo de Tróia do liberalismo.”

Nicodemus (2008, p. 109) afirma que “na verdade, em termos de conteúdo, o barthianismo tem pouca coisa em comum com a ortodoxia histórica da igreja.” O que ele passa a demonstrar nas páginas seguintes do seu livro:

- A neo-ortodoxia conservou a crítica destrutiva à Bíblia presente no liberalismo teológico (p. 111).
- A neo-ortodoxia faz a separação entre palavras de Deus e Escritura (p.

112).

- A neo-ortodoxia considera irrelevante para fé a veracidade dos relatos bíblicos (p. 113).

Ainda que Barth tenha operado como um reformador, combatendo o liberalismo teológico, a sua tentativa de síntese entre este e a ortodoxia protestante não ficaria impune, mas suscitaria reações pelos evangélicos conservadores de linha fundamentalista, gerando novas batalhas no terreno da teologia protestante.

O Evangelicalismo e a defesa da autoridade bíblica

A Teologia Evangélica, cujo adjetivo é *evangélico* e que dá origem ao termo Evangelicalismo, tem vários empregos por não ser algo novo, mas foi empregado de muitas maneiras na história do protestantismo. Em sua obra, *História da Teologia Cristã*, Olson (2016, p. 635-639) discorre sobre o uso do termo em várias etapas do protestantismo e apresenta o seu significado como “das boas-novas” ou “fundamentado no evangelho”. Dessa forma, os protestantes europeus luteranos e reformados usam esse termo como sinônimo de protestante em oposição ao catecismo romano e até mesmo em oposição a Igreja Ortodoxa Oriental.

Várias denominações protestantes da América do Norte agregam essa terminologia em seu nome denominacional como indicação de que estão apoiadas no evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo e arraigadas na Reforma Protestante do século XVI.

Dando segmento ao roteiro histórico do termo, Olson (2016, p. 635-636) relata que outro emprego histórico e contemporâneo do termo evangélico provém da história da Grã-Bretanha e das diversas facções da igreja da Inglaterra no século XVIII, em especial, os evangélicos dessa igreja eram os que sustentavam os aspectos protestantes e se opunham ao que entendiam como o poderio cada vez maior dos elementos de catalicização. O movimento metodista dos irmãos Wesley começou como um “movimento evangélico de renovação” da igreja da Inglaterra.

Nos Estados Unidos o termo *evangélico* tem maior diversificação de sentido, pois no século XVIII foi adotado como uma forma de identidade peculiar por vários protestantes para identificá-los como aqueles que apoiavam os movimentos

reavivamentistas iniciados pelo Grande Despertamento liderado por George White Field e Jonathan Edwards.

O outro uso do termo ocorreu durante as controvérsias entre a teologia liberal e a ortodoxia protestante, pois os teólogos e pastores que se opuseram ao liberalismo teológico e apoiaram a primeira reação fundamentalista contra ele foram intitulados de evangélicos. Contudo, nos anos de 1890 alguns liberais moderados da Nova Inglaterra tomaram para o seu movimento a alcunha de “liberalismo evangélico”. E Olson (2016, p. 636) observa: “Sem dúvida, o grande teólogo do evangelho social, Walter Rauschenbusch, considerava-se um “liberal evangélico”. No entanto, os termos “liberal” e “evangélico” se tornaram antagônicos, ainda que na atualidade é comum algum grupo ser classificado como “evangélico liberal”.

A essa altura da nossa apreciação é importante abordarmos a respeito de alguns aspectos sobre o movimento fundamentalista como distinto do cristianismo protestante. O fundamentalismo começou por volta de 1910 (Olson, 2016, p. 600), embora alguns estudiosos questionem a data e a natureza exata de seu surgimento. Porém, fato notório foi a publicação de uma série de brochuras intituladas, *The Fundamentals*, ou seja, “Os Fundamentos” em 1910, fator elementar para a provável origem do nome do movimento.

Inspirados pelo grande reavivamento do evangelista Dwight Lyman Moody (1837-1899), decepcionados pela enorme influência da teologia liberal e incentivados pela ortodoxia protestante ressurgente de Whitefield e colaboradores, dois executivos cristãos patrocinaram a publicação e distribuição gratuita de doze compilações de ensaios escritos por preeminentes estudiosos protestantes conservadores. O material foi distribuído para milhares de pastores, líderes de denominações, professores e até mesmo a diretora da “Associação Cristã de Moços” (ACM) dos Estados Unidos (Olson, 2016, p. 600-601).

O material continha a defesa de teólogos sobre doutrinas que foram questionadas pelo liberalismo teológico, tais como, o nascimento virginal, a divindade de Cristo, a queda da humanidade no pecado, a expiação vicária, a ressurreição de Cristo, a Sua ascensão corpórea etc. (Olson, 2016, p. 601).

Com o tempo, particularmente nas décadas de 1940 e 1950 (Olson, 2016, p. 636) os fundamentalistas ficaram cada vez mais sectários e rígidos, por isso, os

protestantes conservadores começaram a se separar do movimento, no entanto, continuaram teologicamente ortodoxas.

Olson (Olson, 2016, p. 636) continua a sua descrição, dizendo que os novos evangélicos rejeitavam o que considerava um espírito de dissensão dos fundamentalistas quanto a questões doutrinárias e morais relativamente secundária e queriam desenvolver e nutrir uma coalizão mais ampla do Cristianismo protestante conservador ligado à conversão. Para eles a inspiração bíblica implicava na infalibilidade das Estruturas, mas não necessariamente na exatidão técnica absoluta de todos os pormenores registrados na literatura bíblica.

Porém, nas décadas de 1970 e 1980 um novo porta-voz do evangelicalismo moderado apareceu com a intenção de manter juntas as duas tendências protestantes, a ortodoxa e a pietista, em uma “Teologia da Palavra e do Espírito”. Donald G. Bloesch, professor de teologia durante vários anos na Universidade de Dubuque, conclamou os evangélicos para deixarem questões doutrinárias menores e as discussões insignificantes e nomeou à sua maneira de pensar de “Evangelicalismo Progressivo”, tendo em vista que “acolhia qualquer alta crítica da Bíblia que não partisse de um preconceito naturalista” (Olson, 2016, p. 639).

Olson (2016, p. 639) continua as suas considerações, afirmando: “Sempre que homens e mulheres da igreja se esforçam por ressaltar essa mensagem em suas teologias, Bloesch revela-se mais do que disposto a congregá-las, quer sejam ortodoxas orientais, católicas romanas ou protestantes”. No entanto, a inclinação para o ecumenismo indiscriminado pode resultar no sacrifício de doutrinas bíblicas fundamentais.

O evangelicalismo proposto por Donald G. Bloesch, embora comprometido com a centralidade da cruz e da conversão pessoal, procurou dialogar com questões culturais e sociais contemporâneas. Essa postura, posteriormente adotada e expandida por outros teólogos, contribuiu para um ecletismo teológico que, embora buscasse tornar a fé mais relevante para o mundo moderno, também representou certos riscos à preservação de doutrinas centrais do cristianismo histórico.

Nesse contexto mais aberto ao diálogo com temas sociais e éticos, alguns segmentos do evangelicalismo passaram a enfatizar cada vez mais a justiça social, os direitos humanos e a transformação estrutural da sociedade, por vezes relegando

a um segundo plano a dimensão da conversão pessoal. Esse ambiente teológico e cultural mais receptivo facilitou, em alguns círculos, a aproximação com correntes como a Teologia da Libertação e a Teologia Feminista — teologias que, embora possuam elementos de crítica social válidos, tendem a privilegiar aspectos políticos e sociais da fé cristã em detrimento da regeneração espiritual e da salvação pessoal, tal como enfatizado na teologia evangélica clássica.

A Teologia da Libertação e a Teologia Feminista

A Teologia da Libertação

Segundo Almeida (2024, p. 201-202), a teologia da libertação teve origem na Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, em 1968, quando líderes religiosos denunciaram as estruturas socioeconômicas e políticas da região como causadoras da marginalização e empobrecimento da massa populacional.

Justo González (2016, v. 2, p. 550-552) destaca que, na América Latina, obras como *Fazendo Teologia em Circunstâncias Revolucionárias* (1975) e *Cristãos e Marxistas* (1976), de José Míguez apesar de diferentes entre si, tinham em comum a proposta de uma teologia vista sob uma perspectiva distinta da tradicional, marcada pelo contexto cultural e, especialmente, pela atenção às lutas econômicas e sociais dos oprimidos.

De acordo com González (2016, v. 2, p. 552), muitos pastores e teólogos concluíram que o evangelho exige que a igreja se coloque ao lado dos pobres em sua luta por libertação. Entre eles, destacam-se Gustavo Gutiérrez e Juan Luis II, que propuseram uma teologia que não apenas tratasse da libertação, mas repensasse toda a doutrina cristã a partir da perspectiva dos pobres — ou seja, “de baixo para cima”. Essa abordagem buscava reafirmar a fé cristã ortodoxa, mas com uma interpretação completamente nova.

González (2016, v. 2, p. 552) descreve que em vários países, representantes da teologia da libertação enfrentaram forte oposição. Em El Salvador, o arcebispo Oscar Romero foi assassinado por ser visto como ameaça à ordem. No Brasil, Dom Hélder Câmara e Dom Paulo Evaristo Arns lideravam o clamor por mudanças. Na Nicarágua e Guatemala, houve conflitos com o governo e mortes de catequistas considerados subversivos. Enquanto isso, nos EUA e Europa, a nova teologia era

rejeitada por alguns como heresia, mas defendida por outros como uma necessária releitura radical do evangelho.

O historiador (González, v. 2, 2016, p. 554) aponta que, para muitos cristãos dos EUA e da Europa, o debate girava em torno do confronto entre capitalismo e democracia versus comunismo e totalitarismo. Já para os países do Sul global, as preocupações eram outras: a busca por uma ordem econômica mais justa, a desigualdade interna e o receio de se tornarem palco de guerras por procuração entre as potências do Norte, especialmente na década de 1970.

Segundo Champlin (2013, v. 6, p. 367), a teologia da libertação apresentada por Leonardo Boff seria um sincretismo que une o evangelho com o racionalismo protestante de Bultmann, o modernismo de Loisy, as posições controversas de Hans Küng e a análise marxista da sociedade. Ele também afirma que a Igreja progressista da Holanda, expressa no chamado Catecismo Holandês, é fruto dessas correntes teológicas, incluindo a influência do teólogo dominicano Edward Schillebeeckx.

Com relação a Loisy, documenta Hope (2009, v. 2, p. 451) Alfred Firmino Loisy (1857–1940) foi um modernista francês e estudioso católico da Bíblia. Nasceu em Ambrières, na Lorena, e estudou em seminários na França, sendo ordenado em 1879. Lecionou hebraico, assírio e exegese bíblica no Institut Catholique de Paris, mas foi demitido em 1893 por aplicar a crítica histórica em seus ensinamentos bíblicos.

Além disso, continua Hope, Loisy defendia que Jesus anunciava um reino futuro e objetivo, com seu messianismo como elemento central. Como esse reino não se concretizou de imediato, a Igreja surgiu como estrutura necessária para propagar o evangelho, com sua hierarquia, culto e credos. Em 1903, sua obra *L'Évangile et l'Église*, junto com outras quatro, foi incluída no Índice de Livros Proibidos. Loisy demitiu-se em 1904, deixou o sacerdócio em 1906 e, em 1907, teve suas ideias condenadas pelo Papa Pio X como “a síntese de todas as heresias”. Ao recusar essa condenação, foi excomungado em 1908.

Abordando sobre as raízes da teologia da libertação, Almeida (2024, p. 201) cita Carlos Bazarra e comenta que a teologia da libertação, conforme revelam seus conceitos sobre Deus, a Bíblia e a evangelização, tem raízes nas correntes humanistas, liberais, e no marxismo, na Alta Crítica bíblica e até na Contrarreforma do século XVI. Embora os liberacionistas afirmem que seu fundamento é a Palavra de

Deus, especialmente Jesus Cristo, reconhecem a influência do pensamento de Marx no contexto cultural contemporâneo.

Na descrição e análise de Almeida (2024, p. 209), ele conclui a que ideologia pertence a teologia da libertação, ao afirmar que, de modo geral, os defensores da teologia da libertação apoiam a ideologia socialista e adotam uma proposta revolucionária inspirada no marxismo. Acreditam ser possível formar uma “aliança estratégica” com marxistas não dogmáticos para promover a revolução social na América Latina. Em 1972, em Santiago do Chile, um grupo desses religiosos passou a ser conhecido como “Cristãos pelo Socialismo”.

Além disso, continua Almeida (2024, p. 204), a teologia da libertação, com seu plano de redenção de base humanista, é influenciada especialmente pelos teólogos A. Wolfhart Pannenberg e Jürgen Moltmann, fundadores da teologia da esperança. Essa linha de pensamento nega que as profecias sejam história pré-escrita, isto é, predições reais, e defende que o futuro depende da ação humana, cabendo a cada pessoa atuar na sociedade para promover sua realização, sem depender da intervenção divina.

Em relação à sua influência e expansão, Almeida relata que as ideias da teologia da libertação latino-americana, com algumas variações, espalharam-se por todos os continentes. Estão presentes no feminismo europeu, nas teologias negras dos Estados Unidos e da África, e em movimentos e organizações em países como Filipinas, Coreia do Sul, Tailândia, África do Sul, Espanha, entre outros.

Essas teologias não fazem jus à nomenclatura que carregam, tendo em vista que têm muito mais a ver com a ação humana autônoma do que com a intervenção divina. Aliás, como são marxistas em essência, excluem o elemento sobrenatural e metafísico para realçar os aspectos sociais, econômicos e políticos.

Essa inclinação da teologia da libertação com a “opção preferencial pelos pobres” (Medellín 1968), aprofundada por Gustavo Gutiérrez e reafirmada em Puebla (1979), abriu a porta para a introdução das teologias de classe, como a teologia feminista, com um forte viés do liberalismo teológico. Elas não pecam por defenderem os vulneráveis da sociedade, mas pela maneira como o fazem e pelas motivações equivocadas.

Olson (2016, p. 650) afirma que as teologias da libertação provocaram intensos conflitos na teologia contemporânea. Alguns críticos as rejeitam totalmente, acusando-as de politizar a fé e de dividir o corpo de Cristo em categorias como homens e mulheres, ricos e pobres, brancos e negros.

A Teologia da Feminista

Ao abordarmos sobre o tema, devemos considerar o fato de que há pelo menos cinco vertentes da teologia feminista, por isso os autores preferem aludir a teologias feministas. Por parte de cristãos conservadores, o termo teologia feminista desperta um senso de animosidade, tendo em vista a postura radical desses grupos em antagonismo às Sagradas Escrituras.

Por exemplo, a teoria do patriarcado está constantemente presente na teologia feminista e questiona a própria origem da Palavra de Deus, apresentando a Bíblia como um produto e instrumento do patriarcado. Ademais, os movimentos feministas têm promovido atitudes e valores que se opõem aos ensinamentos bíblicos (KASSIAN, 2015, p. 140, 141, 143).

Dessa maneira, ignoram o fato de Bíblia foi produzida dentro de uma estrutura patriarcal, assimilando os aspectos culturais da época em que a mulher foi atribuída uma classificação secundária no aspecto social, político, econômico e religioso. Por isso, uma teologia feminista que tocasse os aspectos culturais, porém, sem minimizar o lugar sagrado da Bíblia, seria bem-vinda. No entanto, com raríssimas exceções, encontramos uma abordagem desprovida de preconceito. É comum o espírito hostil e beligerante das militantes feministas.

Em relação ao espírito radical do feminismo, Karen de Souza Colares afirma, que a radicalidade da dignidade humana está pressuposta dentro do texto bíblico. O que os movimentos feministas fazem ao afirmar radical igualdade em relação ao homem, não é nada diferente do que as próprias Escrituras fazem (Religare, 2020).

Portanto, se os movimentos feministas, com justiça, reivindicassem os direitos das mulheres, certamente seriam ouvidas. A final de contas, os dados históricos sobre o sofrimento da mulher ao longo das eras são dramáticos, e apenas no final do século XVIII as mulheres começaram a ser ouvidas, como sugeriu Wollstonecraft ao comentar que “a compreensão do sexo tem sido tão distorcida [...] que as mulheres

civilizadas do presente século, com algumas exceções, estão apenas ansiosas por inspirar o amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas habilidades e virtudes” (Wollstonecraft, 2020, p. 13-14).

De fato, houve uma depreciação histórica da mulher. No início da era cristã, Ben Sirac (ou Jesus Ben Sirach), autor do livro Eclesiástico (ou Sirácida), exerceu o papel de mentor da visão patriarcalista após a era apostólica. Ele é uma figura importante para nos ajudar a compreender o modo como a tradição judaica tardia influenciou a visão patrística sobre o papel da mulher, no tocante à teologia moral e à visão da mulher como filha de Eva — um símbolo de fragilidade, perigo moral e subordinação (Religare, 2020).

Uma das principais líderes do feminismo teológico foi Elizabeth Cady Stanton (1815–1902), pois, embora não fosse teóloga formal, ela teve papel significativo na crítica feminista da religião, especialmente do cristianismo patriarcal. Foi uma das principais líderes do movimento sufragista nos Estados Unidos. Stanton criticava duramente o uso da Bíblia para justificar a submissão da mulher, afirmando que a Bíblia e a Igreja foram os maiores obstáculos ao progresso da mulher, “The Church is a terrible engine of oppression, especially toward women. The Bible has done more to degrade women than any other agency in the world” (Stanton, 1895).

A sua atitude abriu caminho para a postura das futuras feministas. Embora rejeitada por muitos de seus contemporâneos (inclusive dentro do próprio movimento sufragista), Stanton é considerada uma precursora da teologia feminista moderna. A sua abordagem é bem diferente daquela de Wollstonecraft.

Campagnolo (2019, p. 27) informa que a periodização temporal do movimento feita pelas próprias feministas é chamada de “ondas” e a divisão mais aceita é a que estabelece a Primeira onda até os anos de 1960; a Segunda onda, de 1960 até 1990; e a Terceira onda, após a década de 1990. Dessa forma, as Três ondas do feminismo, considerando as ênfases de cada uma, as suas protagonistas e o conceito de Interseccionalidade são classificadas da seguinte maneira:

1. Primeira Onda (final do século XVIII)

Mary Wollstonecraft foi responsável pelo documento fundador do feminismo em 1792 (Campagnolo, 2019, p. 37) e a sua ênfase, devido à influência do Iluminismo, da

Revolução Francesa, da Revolução Gloriosa e Independência Americana, foi o respeitoso protesto contra a restrição da educação formal feminina, realçando a capacidade intelectual e virtudes da mulher (Wollstonecraft, 2020, p. 8). Mas a Primeira onda avançou pelo século XIX até o século XX com Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e. dessa maneira, a ênfase foi, além da educação, o Direito ao voto e à propriedade privada para as mulheres (RAMOS, 2018).

2. Segunda Onda (décadas de 1960 a 1980)

Durante a segunda onda, a ênfase foi aos Direitos reprodutivos, à igualdade no mercado de trabalho, e crítica à cultura patriarcal. As protagonistas dessa fase foram Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Gloria Steinem. O período foi notabilizado pelo ataque às Escrituras. Por exemplo, Beauvoir declarou que “a ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher. Há, talvez, no Evangelho um sopro de caridade que se estende tanto às mulheres como aos leprosos; são os pequenos, os escravos e as mulheres que se apegam mais apaixonadamente à nova lei” (BEAUVOIR, 2009, v. 1. p. 107).

Beauvoir foi ainda mais radical quanto à sua posição contra o cristianismo ao declarar que “enquanto a família e o mito da família e o mito da maternidade e o instinto materno não tiverem sido destruídos, as mulheres ainda serão oprimidas” (Beauvoir, 1975, p. 12-21).

3. Terceira Onda (década de 1990 até os dias atuais)

O período da Terceira onda é caracterizado por grandes e rápidas mudanças nas diversas áreas da experiência humana, e a ênfase recai sobre a diversidade, a identidade de gênero, a sexualidade, e a interseccionalidade. As protagonistas dessa onda são Judith Butler, bell hooks, Kimberlé Crenshaw.

As questões discutidas na Terceira onda são ainda mais polêmicas e hostis à Revelação bíblica, como se pode depreender das palavras de Judith Butler, ao rejeitar a ideia de que o gênero tenha uma base biológica ou natural, quando diz: “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 59).

A jurista e filósofa Kimberlé Crenshaw (1989, p. 139-167) desenvolveu o conceito de Interseccionalidade, no qual diferentes formas de discriminação (como racismo, sexismo, homofobia, classismo) se inter-relacionam, afetando as pessoas de maneira complexa. No feminismo, a interseccionalidade é uma ferramenta essencial para compreender como as opressões se cruzam, especialmente no caso de mulheres negras, pobres, LGBTQIA+ e outras identidades marginalizadas.

A Interseccionalidade poderia ser baseado na seguinte análise: mulheres negras sofrem opressões que não podem ser compreendidas apenas pelo racismo ou apenas pelo sexismo isoladamente, mas sim pela intersecção dos dois. Sob tal ótica, um exemplo prático seria:

- ✓ Uma mulher branca pode sofrer machismo, mas não racismo.
- ✓ Um homem negro pode sofrer racismo, mas não machismo.
- ✓ Já uma mulher negra pode sofrer racismo e machismo ao mesmo tempo, de uma forma que não é completamente explicada por apenas um dos dois.

Outra combinação possível para explicar a Interseccionalidade seria:

- ✓ Pessoa trans e pobre: enfrenta transfobia, mas também desigualdade de classe.
- ✓ Mulher lésbica e indígena: pode enfrentar lesbofobia, machismo e racismo estrutural ligado à sua etnia.

No entanto, esse arrazoado tem como pano de fundo, não a busca pelos direitos humanos, no qual todos os seres humanos devem ser respeitados e considerados sob a mesma base de direitos, mas tendo como pano de fundo o *feminicentrismo*, que nada mais é do que, não apenas um movimento social, político e intelectual que busca a igualdade de direitos entre os gêneros, mas se inclina para políticas marxistas e antibíblicas.

Não é difícil entender a situação de opressão, desigualdade social, racismo e pobreza que ocorrem nas sociedades contemporâneas, porém não se deve generalizar nem atribuir essas atitudes ao cristianismo, tendo em vista o posicionamento das Escrituras em relação a essas atitudes. Paulo ensina que

“dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28 ARA).

E o próprio Jesus declarou: “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos (Marcos 10:43,44 ARA). E declarou aos discípulos: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (João 13:34 ARA). E ainda ordenou: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7:12 ARA). E abordando sobre a dignidade feminina, o Antigo Testamento expõe em forma poética a nobreza feminina através das estrofes de Provérbios, em que o marido e os filhos são dignificados pela nobreza da mulher:

É forte, respeitada e não tem medo do futuro. Fala com sabedoria e delicadeza. Ela nunca tem preguiça e está sempre cuidando da sua família. Os seus filhos a respeitam e falam bem dela, e o seu marido a elogia. Ele diz: “Muitas mulheres são boas esposas, mas você é a melhor de todas.” A formosura é uma ilusão, e a beleza acaba, mas a mulher que teme o Senhor Deus será elogiada. Deem a ela o que merece por tudo o que faz, e que seja elogiada por todos (Pr 31:25-31 NTLH).

Uma das agravantes da abordagem feminista, assim como as demais *teologias de libertação*, não são as causas que defendem, como o cuidado do pobre, o direito da mulher ou de qualquer pessoa humana, mas o ataque aos valores emanados das Sagradas Escrituras, tendo como base as ideologias marxistas, cujo propósito, entre outros, é a aniquilação dos valores cristãos.

INDICAÇÃO DE VÍDEO:

Jansen Racco, em Café com Teologia apresenta uma breve análise da obra de Walter Rauschenbusch, realçando, particularmente, os seus aspectos positivos. Assista o vídeo: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ahwLf1gdk&ab_channel=DrJansenRacco-Caf%C3%A9comTeologia. Acesso em 26 mai. 2025.

A feminista moderada Karen de Souza Colares cedeu entrevista ao programa *Religare*, no qual fez uma exposição bem equilibrada sobre o movimento feminista e suas teologias. Assista o vídeo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LtEXzaPMaO0&t=370s>. Acesso em: 2 jun. 2025.

LEITURA COMPLEMENTAR

Irinéia M. Franco, Departamento de História – FFLCH-US faz um apanhado histórico sobre a Teologia da Libertação até o ano 2000, descendo a alguns detalhes importantes para entender a relação do movimento com a Igreja Católica e a política brasileira, além de outras nuances. Leia “40 anos de Teologia da Libertação: 1960-2000” disponível em [file:///C:/Users/prjos/Downloads/40 Anos de Teologia da Libertacao%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/prjos/Downloads/40%20Anos%20de%20Teologia%20da%20Libertacao%20(1).pdf). Acesso em 6 jun. 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta UNIDADE compreendemos que a reação de Karl Barth ao liberalismo teológico representou a retomada da centralidade da revelação divina e da soberania de Deus, contrapondo-se à redução da fé a categorias culturais e éticas. No entanto, sua distinção entre a Palavra de Deus e as palavras da Escritura provocou tensões, especialmente entre os defensores da teologia clássica protestante, fomentando debates sobre a autoridade bíblica. Em paralelo, o evangelicalismo reafirmou a inspiração e infalibilidade das Escrituras, a necessidade da conversão pessoal e a centralidade da cruz, enfrentando o desafio de dialogar com as demandas sociais sem comprometer as suas convicções fundamentais.

As teologias contextuais, como a Teologia da Libertação e a Teologia Feminista, surgiram como respostas legítimas às realidades de opressão e exclusão, ampliando o papel social da fé cristã. Contudo, muitas vezes essas correntes priorizaram o aspecto político e ético em detrimento da dimensão espiritual e redentora do evangelho, além de se apoiarem em ideologias extrabíblicas e antagônicas à Escritura. A teologia cristã deve pregar que a verdadeira transformação social nasce da regeneração espiritual, obra do Espírito Santo por meio da Palavra.

Portanto, o desafio do evangelicalismo contemporâneo é buscar um equilíbrio entre relevância cultural e fidelidade bíblica, promovendo justiça e respondendo às demandas sociais sem abdicar da centralidade da cruz e da autoridade das Escrituras. No diálogo com as legítimas reivindicações femininas, é essencial preservar a integridade da mensagem bíblica para que a teologia feminista possa contribuir de forma saudável à construção de uma sociedade justa, respeitosa e que reflita a verdadeira dignidade humana revelada em Cristo.

HORA DE REVISAR

Nesta unidade, analisamos a reação de Karl Barth ao liberalismo teológico, que representou uma ruptura com a teologia do início do século XX ao resgatar a centralidade da revelação e soberania divinas. Barth propôs uma teologia fundamentada na Palavra de Deus, em oposição à ênfase na experiência humana, embora sua distinção entre a Palavra divina e as palavras das Escrituras tenha gerado controvérsias, especialmente por representar um enfraquecimento da autoridade bíblica, conforme a análise de teólogos protestantes clássicos. Paralelamente, o evangelicalismo reafirmou a inspiração e infalibilidade bíblica, enfatizando a conversão pessoal e a centralidade da mensagem salvífica de Cristo, enfrentando o desafio de dialogar com as demandas sociais sem renunciar aos princípios doutrinários.

Também exploramos as teologias contextuais, como a Teologia da Libertação e a Teologia Feminista, que emergiram em resposta às opressões e desigualdades sociais, propondo uma releitura da fé voltada à justiça e dignidade humana, porém tendo como pano de fundo ideologias marxistas. Elas se concentraram excessivamente nas dimensões política e ética, negligenciando a dimensão espiritual e redentora do evangelho e dos valores cristãos que promovem a verdadeira dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abrão de. **Teologia Contemporânea**. A influência das correntes teológicas e filosóficas na igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.

BEAUVOIR, Simone de; FRIEDAN, Betty. Sex, Society and the Female Dilemma: A Dialogue Between Simone de Beauvoir and Betty Friedan. **Saturday Review**, (p. 12-

21), 14 de junho de 1975. p. 20. Disponível em <https://bit.ly/2NnOrSI>. Acesso em 2 jun. 2025.

_____, Simone de. **O segundo sexo**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

BÍBLIA SAGRADA: **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPAGNOLO, A. Caroline. **Feminismo**: Perversão e subversão. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 1, art. 8, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 6 jun. 2025.

CHAMPLIN, R. N. "Teologia da Libertação". 6 vols. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2013.

GONZÁLEZ, Justo. **História ilustrada do cristianismo**: A era dos reformadores até a era inconclusa. 2 vols. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HOPE, N. V. "Alfred Firmin Loisy". 3 vols. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã** (em 1 v.). São Paulo: Vida Nova, 2009.

KASSIAN, Mary A.; DEMOSS, Nancy Leigh. **Mulher: sua verdadeira feminilidade**. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna**: de Schleiermacher a Bultmann. Barueri, SP: Editora Cristã Novo Século, 2004.

NICODEMUS, Augustus. **O que estão fazendo com a igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

OLSON, R. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001. (10. reimp. 2016).

RAMOS, Tânia Regina de Luca. **Feminismo e história das mulheres**. São Paulo: UNESP, 2008.

RELIGARE. *Teologia feminista*. Entrevista com Karen de Souza Colares. Exibido em: 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LtEXzaPMaO0&t=370s>. Acesso em: 2 jun. 2025.

STANTON, Elizabeth Cady. **The Woman's Bible. Part I.** New York: European Publishing Company, 1895.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher.** São Paulo: Lafonte, 2020.